

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Raquel Sonemann Wienke de Oliveira

EM COMUNHÃO COM *PACHAMAMA*:
Um estudo etnográfico sobre o movimento espiritual Mística Andina

PORTO ALEGRE

2011

Raquel Sonemann Wienke de Oliveira

EM COMUNHÃO COM *PACHAMAMA*:

Um estudo etnográfico sobre o movimento espiritual Mística Andina

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

PORTO ALEGRE

2011

Raquel Sonemann Wienke de Oliveira

Em comunhão com *Pachamama*:

Um estudo etnográfico sobre o movimento espiritual Mística Andina

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais.

Aprovado em 15 de dezembro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Steil – UFRGS

Prof. Dr. Ari Oro – UFRGS

Profa. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, que esteve sempre presente, que sempre me encorajou e sempre me apoiou.

À minha irmã, que me inspira a ser uma pessoa melhor.

À minha madrastra pela amizade que vai muito além da convivência.

Às “mulheres valentes”, Maria e Ana e ao meu avô e meu tio.

À minha amiga Maíra Neves, pelas inúmeras aventuras compartilhadas e pelo grande apoio para a execução desse trabalho.

Aos professores Carlos Alberto Steil e Isabel Carvalho, pelas suas colaborações e incentivo.

Ao movimento espiritual Mística Andina, por sua generosidade em compartilhar comigo tantos momentos e pelo carinho com o qual me receberam. Sem vocês eu não teria tantas experiências alegres e coloridas para registrar não só nesse trabalho, mas também na memória.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo explorar e problematizar as conexões entre espiritualidade e ecologia, que se entende serem determinantes de uma nova concepção de bem-estar físico e espiritual que passa a configurar o horizonte comum das formas religiosidade na contemporaneidade. Para tanto, foram realizadas explorações etnográficas junto ao movimento espiritual Mística Andina, o qual convida seus integrantes a incorporar os ensinamentos dos camponeses andinos, sendo o principal deles a devoção à Mãe Terra, ou *Pachamama*. Os sujeitos aqui estudados passam então a considerar um corpo maior que o corpo físico, um corpo que se estende ao meio ambiente. Esta jornada que começa no "eu" leva o indivíduo à integração com o todo, leva à comunhão com a *Pachamama*. Para pensar sobre as questões deste campo, amparei-me no paradigma da corporeidade de Thomas Csordas que se torna muito pertinente, pois realiza uma reordenação da dualidade sujeito e natureza.

Palavras-chave: Religião. Espiritualidade. Ecologia. Corpo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 MÍSTICA ANDINA: NAÇÃO <i>PACHAMAMA</i>	10
2.1 Inserção no campo.....	10
2.2 O que é a Mística Andina.....	18
2.3 Principais práticas.....	20
2.4 ONG <i>Pachamama</i>	22
2.5 <i>Ashrams</i>	24
2.6 Perfil dos integrantes.....	24
3 EXPERIENCIANDO A MÍSTICA ANDINA.....	27
3.1 A Mística Andina é filha do seu tempo.....	27
3.2 Vivendo a Mística Andina através de suas práticas.....	31
3.3 Incorporando o “jeito” de viver andino.....	33
3.4 O sagrado na simplicidade.....	36
3.5 <i>Ashram</i> : “um outro mundo é possível”	41
4 CORPOS DE <i>PACHAMAMA</i>	44
4.1 “Somos uma única tribo, uma totalidade e a saúde de um depende da saúde do todo”	44
4.2 O paradigma da corporeidade.....	48
4.3 A sensação de “inteireza”	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

A busca por uma melhor qualidade de vida em sociedade vem suscitando o surgimento de inúmeros grupos espirituais que apostam na prática de um “cultivo de si” (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008) desde uma perspectiva mais ampla e integrada, que contempla não apenas prescrições cotidianas em relação ao corpo e à espiritualidade, mas também, algumas relacionadas ao meio ambiente e à ecologia.

Este trabalho originou-se a partir de minha participação no projeto de pesquisa intitulado *O “Cultivo de Si” nas Paisagens da Ecologia e do Sagrado*, orientado pelo antropólogo Carlos Alberto Steil (UFRGS) e pela psicóloga Isabel de Carvalho (PUCRS), o qual insere-se no campo de estudo que vem se dedicando à investigação deste fenômeno do crescimento de tais grupos vinculados à temática das transformações da espiritualidade na contemporaneidade.

O estudo destes grupos espirituais - que se caracterizam pela presença de ideais de integração com a natureza e de uma perspectiva holística acerca do ser humano, de sua espiritualidade e de suas relações com a coletividade e com o ambiente - fornece um saber indispensável sobre o nosso tempo, visto que este modo de vida já não pode mais ser rotulado como exótico. A articulação inovadora de um “cultivo si” expandido para o meio ambiente, que se faz presente entre estes grupos, passa a orientar determinadas concepções de bem-estar físico e espiritual que, por sua vez, demandam a realização de um conjunto de rituais e práticas que são introduzidos no cotidiano de seus membros, tais como as meditações, purificações alimentares, trilhas ecológicas, dentre outros.

Buscando-se elucidar estes aspectos, foi realizado trabalho de campo junto ao movimento espiritual Mística Andina, um dos estudos de caso do universo empírico abrangido pela pesquisa *O “Cultivo de Si” nas Paisagens da Ecologia e do Sagrado*. O movimento espiritual Mística Andina, por vezes chamado de escola espiritual pelos seus integrantes, está presente no Brasil desde 2001, com a chegada do Maestro Lucidor Flores, da Argentina.

Nasceu em Sarmiente, na fria Patagônia. Foi iniciado no caminho de guerreiro e curandeiro por seu avô, Don Froilan (Juan de La Verdad), na idade de 8 anos. Desenvolveu-se, desde então, sob a tutela desse sábio e

velho curandeiro até os 12 anos, quando foi enviado para a cidade de Córdoba, para conhecer as ordens esotéricas da época. Aos 17 anos, encontrou-se com seu Mestre, a quem conhecia em sonhos desde pequeno. Seu Mestre o iniciou em 7 de maio de 1974, na Argentina, e logo foi enviado a outros discípulos, para encontrar os Mestres Andinos e ser instruído por eles. Foi iniciado com Macusani y Sandia pelos Mestres da tradição, e desde então está ligado ao maravilhoso povo andino.

Seu mestre o guiou, desde o tempo de aspirante, para assumir a liderança de uma parte do planeta de instrução espiritual da América Latina. Foi acompanhado e guiado por seu Mestre de vida pelos inúmeros caminhos de proximidade e fusão com *Pachamama*, o que seria e é, até hoje, a forma divina que sua alma elegeu como ideal para sua vida.

Trabalha junto com outros discípulos na disseminação dos ensinamentos recebidos pelos Mestres da Tradição Andina, bem como em desenvolvimento de projetos de serviço grupal à vida e à humanidade.¹

Atualmente o grupo conta com cerca de seiscentos integrantes espalhados em várias cidades do Rio Grande do Sul e também em Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Brasília e Fortaleza.

Através da incorporação do modo de viver andino (o qual está ligado a uma vida mais simples e devota à Mãe Terra), o praticante da Mística Andina espera atingir um conhecimento cada vez mais íntimo de si, visando ao bem-estar e à felicidade. Para tanto, o indivíduo deve se reconectar com a Mãe Terra - ou *Pachamama*, de acordo com a mitologia andina. A inserção na Mística Andina visa justamente oportunizar experiências que auxiliem os sujeitos a resgatar a comunhão que os ancestrais andinos mantinham com *Pachamama*. No entanto, apesar da referência direta aos povos andinos, a exemplo de diversos outros grupos espirituais da atualidade, a Mística Andina pertence a um universo “novaerizado”, de modo que suas crenças, práticas e ensinamentos formam um mosaico de elementos de diferentes origens, dentre os quais se destacam aqueles oriundos das religiões orientais.

Diante do cenário aqui brevemente descrito, o presente trabalho se propõe a explorar e problematizar as conexões entre espiritualidade e ecologia, que se entende serem determinantes de uma nova concepção de bem-estar físico e espiritual que orienta não apenas o movimento estudado, mas que passa a configurar o horizonte comum das formas religiosidade na contemporaneidade.

Para tanto, optou-se por uma pesquisa de caráter qualitativo, que através de explorações etnográficas faz a tentativa de acessar as experiências deste campo

¹ Esta apresentação foi extraída de uma das edições do Jornal “O Peregrino”, que é confeccionado por voluntários da Mística Andina.

religioso-ambiental. No período de 2008 a 2009 e em 2011, realizei observações participantes durante diferentes encontros da Mística Andina, além de entrevistas semi-estruturadas e análise de diferentes materiais como emails, jornais e vídeos disponibilizados na internet. Também foi realizada uma pesquisa teórica sobre o tema.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, será feita uma descrição de minha inserção em campo e a apresentação do amplo universo da Mística Andina, assim como o perfil dos seus integrantes e suas práticas. O objetivo é mostrar como se constitui esse grupo e de que maneira esses indivíduos vivem a religião e acessam o sagrado. Será exposto o argumento de que os indivíduos da Mística Andina acessam um Deus que está no mundo, no “coração”, de uma forma que se pode considerar mais independente e autônoma, uma vez que não intermediada por uma normatização e institucionalização de uma religião ou mesmo de uma concepção de sagrado (CAMPBELL, 1997). Este universo de uma “cultura religiosa errante”, no qual observamos uma porosidade e a falta de rígidos marcos doutrinários, parece englobar a Mística Andina (AMARAL, 2000).

No segundo capítulo, mostrarei que o movimento está em perfeita sintonia com o seu tempo, com o “espírito do tempo” como diz Campbell (1997), e que o traço característico desta espiritualidade é fornecido pela experiência. É através dela que os membros da Mística Andina vivem o sagrado, acessam Deus. Não estamos mais falando de um Deus fora do mundo, mediado por instituições; falamos de uma espiritualidade construída pelo e no sujeito. Diferente de doutrinas e estruturas, a experiência será aqui a fonte inesgotável de significados, irreduzível aos processos de objetivação. O papel da Mística Andina neste cenário é oportunizar estas vivências.

Por fim, no último capítulo, analisarei a idéia de um corpo expandido para a natureza através do qual estes sujeitos articulam um “cultivo de si” que depende do bem-estar da Mãe Terra. *Pachamama* é sempre vista como fonte de forças e energias restauradoras do corpo e da alma e é assim central na busca do sagrado e de si mesmo. Para pensar este bem-estar físico e espiritual, o paradigma da corporeidade de Csordas (2008) é pertinente, pois pensa um corpo que não é apenas biológico, mas igualmente religioso, lingüístico, histórico, cognitivo,

emocional e artístico. Para estes sujeitos que buscam reconhecer sua unidade com a natureza, os cuidados com a alma compreendem igualmente um domínio de saberes relativos a dietas alimentares e meditações, assim como aspectos ligados à virtudes éticas para a vida social.

2 MÍSTICA ANDINA: NAÇÃO PACHAMAMA

2.1. Inserção no campo

Meu primeiro contato com a Mística Andina aconteceu em abril de 2008. Soube da existência do grupo através de uma colega de pesquisa e, buscando na internet, encontrei seu site. Ao abrir a página do site, começa a tocar uma música andina e logo surgem imagens de lindas paisagens naturais. Lá, encontrei a seguinte descrição sobre o grupo:

A MÍSTICA ANDINA é um movimento destinado à expansão da consciência e à educação espiritual das pessoas, com o objetivo de melhorar a relação dos seres humanos com a vida. Acreditamos em uma só raça, a humana, e em uma só condição, a liberdade... Essa é a nossa canção, nossa música; ensinamos lições e técnicas, aprendendo em unidade grupal. Acreditamos nas velhas verdades, faladas em uma linguagem nova, mas que conservem a luz do eterno. Esse é nosso propósito como recipiente do misticismo humano em todas as épocas.

Nosso movimento ajuda seus membros a conectarem-se, efetivamente, com seus corações e a escutarem o suave murmúrio desta voz interna, ajudando-os a confiarem na voz do coração, que é a voz de *Pachamama*.

Nossas palavras são simples e diretas, nossa energia é o carinho e a simplicidade. Não temos pretensões de seguir nenhuma tradição, apenas usamos o jeito andino de leveza e carinho pela Mãe Terra, *Pachamama*, a quem nos consagramos como seus filhos e jardineiros. Nosso movimento está em contínua renovação, como a vida, como as flores. Tentamos manter este inocente olhar, para não perder a condição de filhinhos do agora, filhos da vida, aprendendo diretamente destas lições para sermos mais humanos.

Gostamos dos gestos antigos de reverenciar a família, os amigos, os costumes saudáveis de cada povo, sentindo, como nossa missão, o resgate dos valores vigorosos do carinho e da responsabilidade por viver em um planeta que está vivo e é nossa mãe, tentando cuidá-lo em todos os nossos dias, e ajudando os amigos e as pessoas que nos rodeiam a aumentar sua responsabilidade e consciência do cuidado que se há de ter com esse ser precioso que nos hospeda.

Somos somente uma pequena flor no jardim da vida, e nós sabemos e gostamos disso. Queremos continuar sendo um movimento artesanal, solidário, fraternal, de pessoas unidas no propósito de semear consciência e carinho, crescer como indivíduos grupais, no amor à vida, a esta vida maravilhosa e misteriosa...²

²Fonte: <http://www.misticaandina.com.br/index2.php?center=quemsomos> (consultado em 15/04/2008)

Escrevi um e-mail para o endereço indicado no site e, como resposta, obtive a indicação de Sarita e seu contato. Pelo telefone me apresentei e lhe falei resumidamente da pesquisa *O “Cultivo de Si” nas Paisagens da Ecologia e do Sagrado* e perguntei a ela se poderíamos conversar pessoalmente, pois tinha o interesse de realizar observações participantes com o grupo. Muito entusiasmada, ela então me convidou para ir naquele final de semana a uma atividade da ONG da Mística que aconteceria no Parque Farroupilha, em Porto Alegre. O grupo estaria no Parque naquele sábado para distribuir mudas de árvores e, posteriormente, realizar uma caminhada a fim de promover a conscientização sobre os cuidados com o planeta.

No sábado, cheguei ao Parque e logo localizei a tenda que abrigava o grupo. Era um dia chuvoso e de baixa temperatura, então a maioria dos membros vestia ponchos andinos e tocas coloridas. Logo que me aproximei fui recebida por uma das integrantes com um largo sorriso, beijo e abraço. Como o grupo estava distribuindo mudas de árvores, ela imaginou que eu tinha me aproximado da tenda por esse motivo. Expliquei o motivo da minha presença e perguntei pela Sarita, que estava próxima e logo veio se apresentar, também com muito carinho e entusiasmo. A Sarita disse que estava muito feliz em me receber ali e que, embora o dia não estivesse colaborando, elas achavam que a iniciativa estava sendo um sucesso já que mesmo que o número de pessoas que se aproximavam da tenda para levar uma muda fosse pequeno, eles estavam sensibilizando essas pessoas a respeito da necessidade de ajudar a Mãe Terra.

Ela disse que gostaria de sentar para conversar comigo sobre a Mística, mas antes pediu licença para que o grupo fizesse uma “conexãozinha”. Então, todos de olhos fechados e mãos dadas repetiram A Grande Invocação:

Do ponto de Luz na Mente de Deus,
Flua Luz às mentes dos homens;
Que a Luz desça à Terra.

Do ponto de amor no coração de Deus,
Flua amor aos corações dos homens;
Que o Cristo volte à Terra.

Do Centro onde a vontade Deus é conhecida,
Guie o propósito às pequenas vontades dos homens,
O propósito que os Mestres conhecem e a que servem.
Do centro que chamamos raça dos homens,
Cumpra-se o plano de amor e luz
E que ele cerre a porta onde mora o mal.

Que a luz, o amor e o poder restabeleçam o Plano na Terra.

Tínhamos mais de uma hora até a segunda parte da agenda do grupo, que consistia em caminhar pelo Parque com faixas e cartazes pedindo que as pessoas despertassem para os cuidados com o Planeta. Enquanto isso, Sarita ficou sentada comigo tomando mate e apresentando o movimento. Ao fundo escutávamos as músicas que Surya tocava no violão enquanto todos cantavam e alguns dançavam³.

Sarita, que ocupa uma das posições hierárquicas de mais prestígio no movimento, me contou que começou a trilhar o caminho da Mística Andina em meados de 2003. Ela tem 45 anos, é solteira e não tem filhos. Tem formação em Contabilidade pela UFRGS e trabalha como auditora no Tribunal de Contas do Estado. No trabalho, Sarita conheceu a Arádia Iriarte e, a através dela, a Mística Andina. Logo em seguida, as duas se tornaram as articuladoras do início do movimento em Porto Alegre:

Por que Porto Alegre, na verdade, quando a gente iniciou aqui éramos bem pouquinhos pessoas. O Maestro pediu para eu abrir um grupo de meditação aberto, por que nós só éramos discípulos e muito poucos, só uns três, e a gente tinha uma reunião só pra discípulos. Aí o Maestro pediu para eu abrir essa reunião aberta de meditação e que eu fosse responsável. E eu abri aqui em casa mesmo, e não vinha ninguém. De vez em quando vinha um discípulo, que era a Arádia, e vinha pra me dar uma força. De vez em quando vinha a Zulema. E às vezes vinha uma pessoa, ou outra pessoa. E passei assim por um ano e meio. Mas como o Maestro tinha pedido, continuava. Até que em 2007 começou a aumentar. Durante muito tempo nos 21 dias⁴ nós éramos só oito fazendo. Eram quatro discípulos e mais um amigo e alguma outra pessoa. E de setembro de 2006 pra março de 2007 a gente passou pra 57 pessoas. Então aumentou 50 pessoas. E a partir dali começou a aumentar o grupo de Porto Alegre. E começaram a aumentar as meditações, tanto que daí deixou de ser aqui em casa e começou a ser lá na Dario Pederneiras⁵, por que já não cabia mais aqui.

Sarita Mendizabal

Percebi que todos usavam o mesmo pingente e perguntei para Sarita o que significava e ela explicou se tratar de um símbolo andino chamado *chacana* que foi adotado como símbolo da Mística. Segundo ela, estes pingentes são talhados em

³ No repertório estavam canções conhecidas, como: “Epitáfio” dos Titãs, “Sociedade Alternativa” do Raul Seixas, “Exagerado” do Cazuza, e outras.

⁴ Os 21 dias são umas das principais práticas da Mística. Consiste em um período de desintoxicação física e energética.

⁵ Quando comecei a realizar os trabalhos de campo com o grupo, as meditações semanais aconteciam em um local chamado Florais Joel Aleixo Alma e Equilíbrio, na Rua Dario Pederneiras, em Porto Alegre.

uma pedra típica da região de Macchu Picchu. O Maestro Lucidor Flores os traz do Peru, por que prefere os pingentes talhados por um senhor que se chama Mestre Francisco, pois esse senhor obedece a todo ritual de produção da *chacana* previsto na tradição andina. A *chacana* simboliza as famílias do *ayllu andino*: “um dos chefes Incas resolveu formar grupos dentro da sociedade conforme suas habilidades para enfrentar melhor as adversidades do ambiente e nomeou cada um destes grupos com nomes de diferentes famílias”, explica Sarita. Assim, todos aqueles que são iniciados na Mística recebem um nome espiritual conforme a família a que pertence no *ayllu*. Quem “batiza” os iniciados é o Maestro Lucidor Flores.

Imagem 1 - *Chacana*: símbolo da Mística Andina



Fonte: Blog Nação *Pachamama* (<http://nacaopachamama.blogspot.com/>)

Diante do meu olhar de incompreensão, Sarita fala com mais detalhes sobre a *chacana* e o *ayllu*. Segundo ela, na *chacana* estão representados quatro clãs: norte, sul, leste e oeste. O clã do leste tem como elemento o ar. Uma das famílias desse clã são os Iriarte, conhecidos por suas “idéias mirabolantes”. Essa é uma família conhecida também por ser mais “mental” e criativa. Já as famílias Obelar e Molina, estão ligadas ao clã do sul, cujo elemento é o fogo. Lembrando de amigas da Mística com esses sobrenomes ela conta que os Obelares são um fogo mais brando, já os Molinas são verdadeiras fogueiras. As famílias desse clã caracterizam-se pelo entusiasmo e pela espontaneidade.

O clã do oeste é representado pela família Cruz, Aguilar, Dédalos e Flores e seu elemento é a água, que está ligada à emoção e à fluidez. Ela conta que os Cruz são mais recatados e sofisticados, enquanto os Aguilares são mais expansivos e

também mais próximos da evolução. Os Dédalos são conhecidos como bonitos e chiques e já foram Flores em outras vidas. Os Flores, na Mística representados pelo Maestro espiritual Lucidor Flores, são os que têm a mente vazia e o poder de intuir.

Sobre o clã do norte, Sarita fala com propriedade, pois é o clã de sua família, os Mendizabal. Seu elemento é a terra e a esse clã também pertence a família Sandoval, que é mais ligada à luxúria. Ambas as famílias têm a característica de “plasmar”, que é a habilidade de colocar as idéias no mundo real, em prática. Assim, estão ligados ao trabalho braçal. São também generosos e prestativos. Ela ainda revela que nem sempre a pessoa tem uma identificação imediata com o nome da família que recebe, mas que, com o tempo, todos reconhecem que o Maestro tinha razão.

Constantemente percebo brincadeiras sobre os nomes e elas são sempre positivas, parece que cada integrante carrega com orgulho seu nome espiritual. Uma das discípulas, que é de uma família cujo elemento é fogo, brinca dizendo que ela incendeia tudo por onde passa, enquanto outra confirma sorrindo que é verdade, mas que quem acaba botando a mão na massa é a família dela, que são os responsáveis pelos trabalhos mais braçais.

Sarita me conta que é uma *amauta*⁶ na hierarquia da Mística Andina. Segundo ela, essa hierarquia não é vertical, mas sim horizontal, já que busca aproximar o indivíduo cada vez mais do centro. Quem está interessado em conhecer o grupo é um “simpatizante”, durante algum tempo, que não é pré-estabelecido e não segue alguma regra específica, podendo tornar-se “aspirante” em seguida. Neste período a pessoa está “namorando” com a Mística.

Após o namoro, pode torna-se discípulo, ou seja, aquele que decidiu “casar” com a Mística. Além do discipulado, existem ainda outras possibilidades, como a de *amautas* e depois guias. Estes dois últimos são pessoas especiais nomeadas por Lucidor Flores por serem comprometidos com a Mística e evoluídos espiritualmente. A principal diferença entre estes estágios é a relação que se estabelece com a Mística, o estágio de evolução espiritual (percebido por Lucidor) e também as responsabilidades assumidas (muitas delas burocráticas que permitem o funcionamento da ONG da Mística Andina ou a organização de encontros).

⁶ Posteriormente estive presente em um retiro espiritual durante o qual presenciei Sarita tornar-se guia.

Esta concepção dos estágios de evolução do espírito vai ao encontro de Campbell, quando ele afirma, sobre a “orientalização” do ocidente, que

A noção de igreja é deslocada por um grupo de seguidores ligados a um líder espiritual ou guru; finalmente, a distinção entre crente e descrente é substituída pela idéia de que todos os seres existem em uma escala de espiritualidade, uma escala que pode ser estender além desta vida (CAMPBELL, 1997, p.8).

De longe, Sarita foi indicando quem eram os discípulos e podia-se perceber neles a internalização do movimento pela quantidade de roupas e adornos andinos. Outra diferença curiosa é que seus abraços foram mais longos, apertados e quentes em relação àqueles dos demais membros do grupo.

Perto das dezesseis horas iniciamos a caminhada pelo Parque. Cerca de vinte pessoas carregavam faixas e cartazes com dizeres como “Caminhantes pela Mãe Terra: juntos podemos mais” ou “S.O.S Terra”. Duas discípulas estavam vestidas de palhaça e outra carregava um violão e puxava o hino: “Viva, viva, viva a Sociedade Alternativa...”. Enquanto isso, Sarita corria na frente para registrar a caminhada em fotos e vídeos. Entre uma foto e outra, ela pediu para me fotografar com o grupo e depois colocar o registro no jornal da Mística.

Durante a caminhada, aproximou-se de mim outra *amauta*, a Arádia Iriarte, uma sorridente senhora de 58 anos, de quem a Sarita havia me falado um pouco antes, quando contou que a Arádia lhe apresentou a Mística. A Arádia brinca me dizendo que, por ser da família dos Iriarte, está muito interessada em saber qual curso eu faço e em que consiste a minha pesquisa. Conversamos brevemente sobre a pesquisa e ela começa a contar que é graduada em Direito e que, recentemente, terminou a pós-graduação em Direito Ambiental. Ela é funcionária pública, trabalha como auditora externa no Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul. Desde 2004 reside em Porto Alegre, mas quando conheceu a Mística, em 2003, morava em Pelotas e foi nesse período, quando freqüentava a Universidade da Paz, que soube da Mística. O esposo da Arádia nunca foi iniciado no movimento, mas é um simpatizante, freqüentando alguns cursos e palestras e dos seus dois filhos, Irineu Iriarte, o mais jovem, ingressou no movimento através da mãe e é discípulo. Após esse dia, Arádia e Sarita tornaram-se minhas principais informantes por serem as *amautas* de Porto Alegre e por terem sido elas as articuladoras do grupo da Mística em Porto Alegre.

Com o tempo ruim, eram poucas as pessoas no Parque e, as que estavam presentes, olhavam com curiosidade para o grupo quando passávamos caminhando e cantando. Depois de algumas voltas nas partes principais do Parque, retornamos à tenda e recebi o convite para participar das meditações semanais do grupo.

Esse contato inicial com o campo foi relativamente tranquilo, apesar de toda a ansiedade que esse primeiro contato pode provocar. No entanto, a partir do meu segundo contato, quando comecei a participar das meditações semanais, deparei-me com alguns desafios, diretamente relacionados às vivências corporais demandadas pelo campo. Nesse sentido, há uma necessidade metodológica de expor tais condições. Para Csordas (2008)

A corporeidade como um paradigma ou uma orientação metodológica exige que o corpo seja compreendido como a base existencial da cultura – não como um objeto que é “bom para pensar”, mas como um sujeito que é “necessário para ser”. (Csordas, 2008, p.15)

Certamente a minha primeira meditação foi a mais difícil. Compareci às 20h em um espaço⁷ que a Mística alugava para essa atividade, que acontece todas as segundas-feiras. Havia cerca de vinte pessoas na sala, quase todas já estavam acomodadas em posição de lótus. O primeiro desafio foi sobreviver à nuvem de fumaça que tinha se formado na sala por conta de meia dúzia de incensos acesos. Tive uma pequena reação alérgica, senti muita vontade de espirrar e tive receio de que essa vontade persistisse quando estivéssemos todos em silêncio. É importante registrar que a tensão era fruto da minha total falta de experiência em práticas como a meditação. Antes desse dia, eu nunca havia meditado, sequer tinha certeza de como deveria me portar ou o que iria acontecer.

Sarita era quem iria conduzir a meditação. Ela avisou que duraria cerca de 45 minutos. Pediu que fechássemos os olhos e imaginássemos algumas cores como raios saindo de nós e nos ligando à *Pachamama*. Logo em seguida, fomos convidados a mergulhar em um profundo silêncio. Eu estava muito agitada e foi bastante difícil permanecer com os olhos fechados. Além disso, minhas roupas não estavam confortáveis para ficar naquela posição, à qual meu corpo também não estava nem um pouco habituado. Senti dores nas costas e muita vontade de movimentar. Resisti ao máximo por que não queria interromper o silêncio, nem que a minha presença fosse incômoda para aqueles que estavam tendo êxito na

⁷ Florais Joel Aleixo Alma e Equilíbrio.

meditação. Pouco tempo após fecharmos os olhos para meditar, uma das discípulas pintou um terceiro olho nas nossas testas com uma tinta vermelha de cheiro adocicado.

Depois da meditação, todos levantaram e se abraçaram. Os abraços eram longos e apertados e intercalados com beijos demorados na bochecha. Nesse momento também estive desconfortável pelo excesso de contato físico que, para mim, representa muita intimidade.

No fim da meditação saí com o corpo marcado pelos odores doces da sala, pela tinta vermelha usada para pintar minha testa e pelas dores nas costas por ter permanecido na posição de lótus durante a meditação. Ainda um pouco desorientada pelo excesso de informação para processar, esqueci de limpar a tinta na testa e percorri o caminho até em casa com o terceiro olho pintado.

Quem lê este relato pode ficar a impressão de que esta observação participante foi somente traumática para mim. De fato, não posso negar que foi muito desafiadora, por se tratar de uma prática e de todo um universo com o qual eu nunca antes havia tido contato e desconhecia completamente. Além disso, o excesso de demonstrações físicas de afeto também me gerou muita estranheza⁸. No entanto, é verdadeiro também relatar que com o tempo as meditações foram se tornando cada vez mais prazerosas para mim e que vibrei com minhas pequenas vitórias, como quando conseguir permanecer na posição de lótus por mais tempo, ou quando conseguia controlar um pouco mais os pensamentos e viver o momento da meditação mais plenamente. Além disso, levei para o meu cotidiano a tentativa de ser mais amável e mais “física” nas minhas demonstrações de afeto, tornando beijos e abraços situações mais comuns.

⁸ Na TV Mística Andina (canal de vídeos no site Youtube) foram postados vídeos da campanha “Me abraça que é de graça”. Essa iniciativa é um exemplo da importância atribuída ao carinho físico no Movimento. Nos vídeos vemos os integrantes do movimento oferecendo abraços pelas ruas de Pelotas, Brasília e Porto Alegre, a pessoas desconhecidas que encontram na rua. Disponível em: <http://www.youtube.com/user/misticaandina>

2.2. O que é a Mística Andina

Na Mística Andina, o acento forte da espiritualidade é dado pela experiência: é através dela que os membros do movimento vivem o sagrado, acessam Deus. Estamos falando de um Deus que não está fora do mundo, mediado por instituições. A espiritualidade aqui é construída pelo e no sujeito. Diferente de doutrinas e estruturas, a experiência é fonte inesgotável de significados e irredutível aos processos de objetivação. Arádia, fala sobre o objetivo da Mística Andina neste cenário: oportunizar experiências e vivências.

A Mística é algo que te dá muitas oportunidades porque não está nada pronto, feito. Vamos todos construindo junto. Tu vais crescendo junto com teus *hermanitos*.
Arádia Iriarte

Através da busca da comunhão com *Pachamama*, os discípulos da Mística Andina se aproximam da descoberta cada vez mais íntima de si. Incorporando ensinamentos dos camponeses andinos, os discípulos são orientados a conectar-se novamente com a natureza, o que resulta em um rechaço a diversos aspectos da vida urbana.

A Mística tem três pilares importantes. Um é simplicidade, que trabalha teu chacra frontal. Um exemplo de simplicidade: por que eu tenho 40 pares de sapato se eu só tenho dois pés? Simplicidade! Não é por que tu tem dinheiro que tu precisa ter 40 pares de sapato. Então trabalhar a simplicidade e a simplicidade limpa esse teu chacra que é o frontal. O outro pilar é o carinho, que trabalha chacra o cardíaco. Então o carinho que é fazer realmente as coisas com carinho, trabalhar essa coisa da emoção e da amorosidade. O outro é paixão que está ligado a esses outros chacras aqui do sexual básico e que também trabalhar o entusiasmo, a impulsividade, a energia, a paixão mesmo, essa coisa da vontade. Então são os três pilares de Mística: simplicidade, carinho e paixão. Então todo discípulo tem que trabalhar isso também, além da meditação e das outras práticas.
Sarita Mendizabal

É um movimento revolucionário que veio pra revolucionar a consciência das pessoas, para que elas se tornem conscientes, para que elas pensem pelo coração. Normalmente a razão vem e depois o sentimento. Então que a gente sinta. Que a mente esteja a serviço do coração. De forma objetiva, assim, que a gente tenha uma outra maneira de racionalizar e pensar as coisas e tomar decisão. Que a gente sinta o coração antes de tomar uma decisão que gera uma série de conseqüências.
Aaron Molina

É um movimento onde a gente acredita no amor e nos sonhos. O nosso sonho atual é de uma Nação *Pachamama* aonde o amor é a essência. Somos revolucionários por isso, de ousar, de acreditar no ser humano e na

sua capacidade de amar e se transformar. E se transformando e amando a gente revoluciona toda a existência ao nosso redor. Então a Mística é esse movimento rumo a Nação *Pachamama*.

Alethéia Iriarte

Os ensinamentos e as práticas deste grupo têm origem na tradição dos camponeses andinos, no entanto existe uma forte presença de diversas outras tradições religiosas, sobretudo das filosofias orientais. Amaral (2000) se refere à esses universos novaerizados quando os chama de uma “cultura religiosa errante”, visto que o sincretismo religioso e a incorporação de novas práticas e crenças são a pedra de toque de movimentos como esse. Segundo Amaral,

não existe nada que seja em si mesmo absolutamente Nova Era, mas Nova Era seria a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem *performativamente* uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, e segundo determinados objetivos e ainda mais que um substantivo que possa definir identidades religiosas demarcadas, Nova Era é um adjetivo para práticas espirituais e religiosas diferenciadas e em combinações variadas, independentes das definições ou inserções religiosas de seus praticantes (AMARAL, 2000, p. 32).

Os trechos abaixo são expressivos nesse sentido.

A Mística Andina é um movimento que foi inspirado por Lucidor Flores, que é nome espiritual do Gerardo Bastos, que recebeu como missão do Maestro dele, que também é nosso Maestro, o Maestro Paolus, pra trazer pro Brasil essa tradição andina. Mas a Mística Andina é baseada na tradição andina, mas não é só a tradição andina. Por que a tradição andina ela é muito mais rígida, tem uma doutrina diferente, vamos dizer assim. Então eu brinco às vezes, mas, isso sou que brinco, que a Mística Andina “abrasileirou” a tradição andina. Também a Mística Andina não tem só, muito embora o nome seja Mística Andina, e seja baseada na tradição andina, a gente houve mantras hindus. Então, nosso Maestro nesse momento está na Índia, nós temos também uma conexão com a tradição oriental, com a tradição hindu, com as tradições de lá do oriente. Então a Mística é uma mistura de várias correntes, vamos dizer assim. E é um caminho. Um caminho pra buscar teu próprio sagrado interior, te encontrar.

Sarita Mendizabal

Faz um ano que conheci a Mística. Mas eu sempre fui interessada por religiões em geral, e eu leio bastante sobre Nova Era na internet. Mas a Mística não é religião. A Mística tem umas viagens, não é religião, mas é uma mistura de tudo. Eu já vi gente aqui falando de espiritismo, de coisas da Igreja. De tudo. Eu curto.

Surya

Assim, a tarefa de definir a Mística Andina é complexa, já que inexiste uma estrutura ou qualquer doutrina estável. A dificuldade dessa definição me parece ser intencional, uma vez que o objetivo da Mística é ser um movimento com

possibilidades de se reinventar e que, conseqüentemente, abriga pessoas com diferentes trajetórias ou práticas religiosas.

A Mística é sem fronteiras. Se for uma religião tu não vai querer vir por que se tu é espírita, tu é espírita. Se tu é catolicismo doente, tu não vai querer vir por que tu é católico doente. E a Mística não é uma religião, ela tem uma religiosidade. Tem coisas boas no catolicismo, tem coisas boas no budismo, tem coisas boas na SEICHO-NO-IE. A Mística é uma rede que une tudo. Por que se tudo é unidade grupal e se *Pachamama* é uma coisa só, como é que a gente pode ser uma religião?

Sarita Mendizabal

(...) O propósito da Mística, não é te converter a nada, senão te tornar um ser humano melhor. Seja um ser humano que é católico, budista, presbiteriano, enfim, advogado, gari. Passa por várias camadas sociais, culturais.

Munay Flores

2.3. Principais práticas

A prática mais comum na Mística Andina é a meditação. Em grupo, a meditação aberta acontece todas as segundas-féias das 20h30 às 22h. Essa foi a atividade da qual eu participei com mais freqüência. Também há as meditações semanais dos discípulos, mas essas são fechadas. Primeiramente as meditações aconteciam em uma sala alugada no Florais Joel Aleixo Alma e Equilíbrio. Nesse local, além da comercialização de florais, há também cursos, palestras e práticas de diversos tipos. Atualmente as meditações acontecem no Atelier Terapêutico Ísis⁹. Nesse local ocorrem diversas outras atividades, como danças circulares, Reiki e musicoterapia.

Há cerca de um ano alguns discípulos começaram a organizar meditações ao ar livre no Parque Farroupilha todos os sábados às 12h30 sob uma árvore. O grupo contou que o Maestro Lucidor Flores pediu que eles meditassem em espaços

⁹ O Atelier Terapêutico Isis é um espaço holístico que se propõe a “ancorar o espírito do amor, da harmonia e da inteireza do Ser como parte integrante da natureza e de todo o Cosmos”. As pessoas que lá trabalham têm como princípio o comprometimento com o respeito de cada Ser na sua individualidade, beleza interior e exterior, evidenciando-o como uma centelha do Divino. Seus serviços são focados no equilíbrio da saúde da pessoa que busca o local procurando se desenvolver, sendo que saúde é considerada a harmonia do corpo, mente, psique e espírito. Fonte: Site do Atelier Terapêutico Ísis (<http://atelierterapeuticoisis.blogspot.com/p/quem-somos.html>)

públicos para sentirem *Pachamama* e também como para atrair a curiosidade de quem passa e ainda não conhece o movimento.

Além das meditações em grupo, os integrantes da Mística Andina são sempre lembrados da importância da meditação diária, sobretudo os discípulos. Esses têm como dever meditar duas vezes ao dia. Existem também outras práticas que são restritas aos iniciados.

Tem várias práticas, mas tem umas que eu não posso dizer por que tu tem quer ser iniciado pra saber. Mas tem as meditações diárias, duas vezes por dia, pelo ao menos para quem é discípulo; tem uma prática que é tipo uma meditação também que é a *Kriya* que é só pra quem é iniciado então eu não posso dizer o que é; tem *Pranayamas* que a gente faz, que são exercícios respiratórios; tem uma outra prática que é limpeza energética. Essas são as principais práticas que os discípulos deveriam seguir. A prática dos 21 dias também é uma prática importante. É uma das principais práticas pra nós. É uma prática milenar que vem dos Andes.

Sarita Mendizabal

Uma das vivências mais importantes da Mística é a Prática dos 21 dias, que acontece duas vezes ao ano: em março e setembro. A prática consiste em uma purificação física e espiritual durante esse período, e para tanto o praticante deve meditar diariamente seguindo um manual elaborado pelo Maestro, assim como seguir uma dieta alimentar específica.

Estes exercícios de 21 dias são um manual individual, com uma orientação precisa de exercícios transformadores, dieta desintoxicante e meditações grupais e individuais para levar a cabo em tua vida cotidiana, com um CD de música devocional para dançar e cantar e celebrar a beleza de viver nesta família sagrada e nesta Nação *Pachamama*...¹⁰

A prática é realizada em casa, com alguns encontros em grupo, em geral uma vez por semana, para meditação. As instruções sobre a dieta alimentar também estão no manual escrito pelo Maestro:

Então, te sugiro algumas clarezas nestes dias sagrados.

Come lentamente, degusta, mastiga devagar, e somente consome alimentos de primeiro nível, sem nenhum aditivo químico. Não comas nenhum tipo de carne nem derivados do leite, exceto iogurte ou kefir. Não tomes excitante algum como café, erva-mate, etc.

Mantém-te dentro de uma dieta muito equilibrada e pura. Antes de ingerir algo, reflete e sente o fluxo amoroso que *Pachamama* produziu para que esse alimento esteja na tua mão. Sê grato, agradece com "OM GURU DEVA *PACHAMAMA* OM", e ingere o alimento, sentindo com profunda atenção o que estás comendo.

Bebe diariamente muita água pura. Busca atentamente a melhor água e a que não provenha de multinacionais que somente ajudam a guerra. Escolhe teus alimentos entre os produtos nacionais. Bebe água lentamente, degustando-a, demorando com ela na boca. Não tomes nunca água gelada,

¹⁰ Fonte: Site da Mística Andina (<http://www.misticaandina.com.br/index2.php?center=pratica>)

nem nada gelado em tuas refeições, e toma água somente meia hora depois de comer.

Fica longe de chocolates, doces, açúcar e alimentos desse tipo.

Sugiro que comas de forma saudável e de preferência que prepares tuas próprias comidas. (...) Quando estiveres cozinhando, põe música devocional e canta. Oferece essa comida à Vida com gratidão e amor! Em tua cozinha, sobre o fogão, põe uma imagem bonita de *Pachamama* ou da Deusa que representa a Mãe Divina na tua vida. (...)

E neste período é recomendável fazer um dia de jejum a cada 7 dias, para eliminar toxinas do organismo e fazer com o que sistema digestivo descanse e se recupere. Lembra que estamos em um processo de desintoxicação, e o jejum ajuda muito nessa limpeza física e energética.¹¹

Tive a oportunidade de vivenciar esta prática duas vezes. Fui alertada pelo grupo que poderia sentir algumas reações físicas pela privação de alimentos como açúcar, por exemplo. Mas também me disseram que eu poderia ser flexível em relação à dieta, caso sentisse muita necessidade. De fato senti muito pela privação da minha dieta habitual, incluindo dor de cabeça a partir do segundo dia que durou quase uma semana e, ainda, alteração no meu humor. Em algumas refeições não pude cumprir todas as prescrições da dieta de desintoxicação por ser incompatível com a minha rotina. No entanto, em diversos momentos cozinhei e convidei outras pessoas para compartilharem a refeição e essa foi uma experiência gratificante. Além disso, senti um bem estar físico maior por estar ingerindo mais alimentos saudáveis, sobretudo os integrais.

2.4. ONG *Pachamama*

A ONG *Pachamama* existe desde 2006¹² e conta com 118 associados, todos da Mística, que pagam uma mensalidade. Ela foi criada para ser uma ferramenta de atuação da Mística na sociedade, com o objetivo de desenvolver trabalho de proteção ao Planeta.

A ONG não existe sem a Mística. A ONG é nossa ferramenta pra trabalhar coisas da Mística, os ensinamentos. A ONG existe para ser um “braço” da

¹¹ Fonte: Manual da Prática dos 21 dias intitulado “Um Grande Amor”, escrito por Lucidor Flores

¹² A ONG *Pachamama* atua desde 2006 em várias cidades do Brasil. Foi criada com o objetivo de ampliar as consciências em relação à sustentabilidade do Planeta, cultivando o respeito mútuo entre o ser humano e a natureza, e entre os próprios seres humanos, através da valorização e vivência de relacionamentos baseados no amor e no carinho. Fonte: Site da ONG *Pachamama* (<http://www.ongpachamama.org/#!quem-somos>)

Mística. A ONG sem a Mística não existe. Todo discípulo deve ter o serviço devocional, então a ONG serve pra isso também. Então uma das coisas que a gente trabalha na Mística é a coisa de proteger, de cuidar de *Pachamama*. E a ONG está aí e foi feita pra isso.
Sarita Mendizabal

O objetivo da ONG é a conscientização ambiental por que o ser humano vale tanto quanto uma planta, ou um animal.
Arádia Iriarte

Como a Sarita disse, um dos deveres de discípulo é ter uma área de trabalho devocional, que seria um trabalho voluntário engajado diretamente na preservação do meio ambiente ou em outras questões sociais. A ONG realiza atividades diversas. São feitos mutirões para doação de mudas de plantas, organizadas coletas de lixo em áreas muito poluídas (como beiras de rios), doação, preparação e distribuição de alimentos em comunidades carentes, projetos de proteção e encaminhamento de animais para doação. No entanto, ainda não há um número significativo de atividades que aconteçam com certa periodicidade, ainda que não falte criatividade para pensar formas de servir à *Pachamama*. Como se pode verificar através de um trecho de e-mail enviado por Ramiro Mendizabal para a lista de discussão do movimento em 1º de agosto de 2011, data em que se comemora o dia da Mãe Terra. Por esse motivo, Ramiro lembrava o leitor que uma “mamita AMA, NUTRE!” e sugeria que cada um levasse um alimento para oferecer à pessoas carentes após o encontro para meditar em grupo:

(...) Então queridos, hoje, após a nossa meditação... nos reuniremos para prepararmos uns sanduíches deliciosos!
Um café com leite! Talvez um suco.... Bueno vamos pensar juntos!!!

E vamos nutrir amorosamente nossos irmãos que por hora estão desabrigados!
Vamos nutrir nossa *Pacha*!
E honrar nosso compromisso pelo próximo... Pela Terra!
Através do serviço humilde e amoroso...
É dando que se recebe...
Recebemos tanto nesse ano.... Que tal retribuirmos um pouco.... ?

Quem tiver roupas quentes... Cobertores..... Por favor... Levem também!
Essa semana vai ficar tão friozinho de novo... (...)
Ramiro Mendizabal

2.5. Ashrams

A Mística Andina possui três *ashrams*, que são sítios utilizados pelo grupo para trabalhar na terra e como refúgio espiritual.

(...) Quando a gente tem aquelas brincadeiras quando a gente é criança de pegar, sabe? Que aí tu sai correndo um atrás do outro e aí quando tu quer descansar tu vai pro ferrolho e ninguém vai poder te pegar. Os *ashrams* seriam nossos ferrolhos. E onde tu te enche de energia, então é um lugar que tem ter uma energia. E é a casa do Maestro, e tem que ser um lugar de energia, onde lide com *Pachamama*. Então tem que ser um lugar na natureza, onde tu possa plantar, onde tu possa trabalhar a unidade grupal fazendo trabalhos em conjunto. E é um lugar de tu te repor energia pra trazer pro mundo afora. Por que o trabalho da Mística não é só eu ficar bem e o resto que se exploda. O trabalho da Mística é ajudar quem não está bem e que não tem essa oportunidade, ou ainda não despertou pra esse tipo de coisa. Então não é pra gente ficar tudo enclausurado em algum lugar e o resto do mundo que se exploda. É tudo ao contrário. Tu te abastece de energia e traz essa energia pra fora, e claro se puder podem algumas pessoas irem pra lá também. Mas o objetivo é aprender a viver em unidade grupal, aprender a cultuar *Pachamama* e se encher de energia pra distribuir e para trazer para esse mundo que pensam que é o real.

Sarita Mendizabal

Imagina que seja um local que tu consiga fazer as pessoas viverem o que a gente está falando.

Aaron Molina

O primeiro *ashrams* a ser construído foi o de Pelotas. Através de doações dos integrantes para a ONG *Pachamama*, o grupo adquiriu uma terra de dezenove hectares. O *ashram* de Porto Alegre (que fica em Morungava) foi concedido pela mãe de uma das discípulas. O terceiro *ashram* fica em San Marcos de La Sierra, na Argentina e era uma terra de propriedade do Maestro.

2.6. Perfil dos integrantes

A Mística Andina tem hoje cerca de 600 integrantes entre simpatizantes, aspirantes, discípulos, *amautas* e guias, distribuídos em algumas cidades do Rio Grande do Sul (sobretudo Porto Alegre e Pelotas), em Florianópolis, Curitiba, São Paulo, Brasília e Fortaleza. Deste total, cerca de 150 já foram iniciados, ou seja, são

discípulos, *amautas*, guias. Os trabalhos de campo relatados aqui foram todos realizados com o grupo de Porto Alegre

Imagem 2: Grupos da Mística Andina



Fonte: Site da Mística Andina (<http://www.misticaandina.com.br/index2.php?center=onde>)

Ao longo desses anos de trabalho de contato com a Mística pude perceber algumas mudanças no perfil dos integrantes. Em 2008, havia um número sempre muito maior de mulheres nos encontros do que de homens, e integrantes com menos de trinta anos eram raros. Durante conversas informais no campo, acabei percebendo que todos os homens eram trazidos por alguma mulher, seja esposa, namorada ou mãe.

Tem muito mais mulher. Mas normalmente isso é em qualquer lugar, não é só na Mística. Em qualquer lugar de espiritualidade tu sempre vai ter muito mais mulher do que homem. E geralmente os homens que tem são as mulheres que trazem. A grande maioria é mulher, a namorada, a mãe que trouxe.

Sarita Mendizabal

Atualmente toda a família de Penélope faz parte da Mística. Mas ela me conta que foi a primeira. Disse que depois de mais ou menos um ano, a filha mais velha mostrou interesse e começou a freqüentar junto com a mãe as meditações. Neste período, ela descreve a reação do marido como curiosa por que ao mesmo tempo em que ele não se opunha, também não fazia comentário algum sobre o engajamento da esposa e da filha no grupo.

Mesmo quando voltavam para casa animadíssimas, contando tudo que tinham experienciado, ele permanecia indiferente. Mas, segundo Penélope, sua melhora nas relações com a família eram perceptíveis e isso intrigava o companheiro. Então, um dia ele foi levá-la em uma meditação e acabou ficando. Pouco tempo depois, por influencia do pai, a filha mais nova também entrou na Mística. [Diário de campo, 2008]

Atualmente essa situação não se reverteu completamente, mas está um pouco mais equilibrada. O número de mulheres é sempre maior do que o número de homens, mas agora existe uma porção masculina mais expressiva. Sobre a idade dos participantes, a partir de 2008, jovens com menos de vinte anos começaram a ingressar na Mística e atualmente também compõem uma parcela significativa do grupo.

Dentre os integrantes com quem tive contato mais próximo, todos possuem ensino superior completo ou em andamento e pertencem à classe média. Também percebi que todos vêm de uma longa trajetória religiosa antes de conhecer a Mística Andina.

Já andei por tudo. Eu fui criada no catolicismo, mas quando era adolescente comecei a ter muitos questionamentos sobre o que pregavam. Aí quando eu era adolescente fui com a minha mãe no SEICHO-NO-IE. Eu gostava da filosofia deles de ver o lado bom em tudo. Mas também tinha umas coisas que eu não concordava. Depois eu simpatizei com o espiritismo por um tempo, mas aí me irritei com aquela explicação de que o sofrimento dessa vida era para pagar o que tinha feito de mal na outra. Aí eu comecei a gostar de Budismo e da cultura oriental em geral. Depois eu conheci a Mística e foi a que eu mais fechei até hoje. Eu acho que a maioria de nós que está na Mística já tinha uma busca e já procuraram e acabaram na Mística. Mas acho que a grande maioria a Mística não é o primeiro caminho deles.

Sarita Mendizabal

Eu sou de tradição da religião católica, mas durante mais de 20 anos, 77 a 97, eu fiz parte do movimento SEICHO-NO-IE que é um movimento de origem japonesa. E este movimento me ensinou muito, principalmente o sentimento de gratidão que o que prega muito este movimento. Gratidão, perdão, fazer elogio. Então esta base da SEICHO-NO-IE, sou muito grata até hoje. E meu filho que hoje está na Mística também era do movimento SEICHO-NO-IE. Eu era divulgadora na época. Muitas coisas do SEICHO-NO-IE vem do hinduísmo, do xintoísmo. E tem uma mensagem do mestre que também é muito bonita, tem muito valor. Mas aí, por estas coisas da vida, eu acabei cursando esta universidade holística e em Pelotas fui parando de participar do SEICHO-NO-IE por uma questão de horários e enfim, conheci a Mística Andina e aí eu me senti preenchida.

Arádia Iriarte

3 EXPERIENCIANDO A MÍSTICA ANDINA

3.1 A Mística Andina é filha do seu tempo

O primeiro capítulo desse trabalho foi dedicado à apresentação do movimento espiritual, buscando contemplar suas diferentes facetas. Assim, foi construído a partir de diversos momentos etnográficos, a fim de introduzir o leitor no universo em movimento da Mística Andina, que pode ser considerado exótico, num primeiro olhar.

O presente capítulo se propõe a contextualização deste movimento andino, elucidando sua inserção em um processo mais amplo de transformações no campo da espiritualidade e que vêm modificando a forma de vivenciar o sagrado no Ocidente desde a década de 1960; não se tratando, portanto, de uma minoria religiosa alternativa. Assim, os relatos sobre a Mística Andina estão relacionados à emergência e consolidação de um estilo de vida que já não pode ser atribuído a escolhas meramente individuais nem reduzido a comportamentos tidos como exóticos ou desviantes (MAGNANI, 1999).

Entende-se que neste contexto, a escolha da Mística Andina como campo de investigação e análise se torna ainda mais relevante, por ser ela uma “filha de seu tempo”, um exemplo emblemático dessa nova forma de espiritualidade. Optou-se por fazer uso do trabalho de Campbell (1997) para pensar o atual momento das relações do humano com o divino, já que esse pode ser considerado um dos principais modelos teóricos para tal empreitada.

Segundo sua tese, “ocorre atualmente no Ocidente um processo de ‘orientalização’, caracterizado pelo deslocamento da teodicéia tradicional por uma que é essencialmente oriental na sua natureza” (CAMPBELL, 1997, p. 5). Esse processo não está relacionado somente à mera introdução de elementos estrangeiros no sistema sócio-cultural, mas, sim a uma mudança na teodicéia que tem sustentado o pensamento Ocidental por dois mil anos.

Atualmente aspectos que perpassam todas as religiões orientais, tais como a noção de unicidade entre o homem e a natureza, o mental e o espiritual, bem como

a idéia de que a meditação é essencial para a aquisição da iluminação, dentre outros, são apontados por Campbell como aqueles que se fundem com a teodicéia ocidental, transformando-a e possibilitando o surgimento de novas formas de espiritualidade. Tal processo pode ser constatado mesmo entre as religiões judaico-cristãs.

Neste sentido, observamos o surgimento de inúmeros grupos que apostam em um pensamento monista e no abandonando do dualismo (homem e natureza, mente e corpo, entre outros) outrora tão freqüente no universo Ocidental. No entanto, o autor afirma que aspectos da teodicéia oriental nunca estiveram fora do ocidente, mas sim reprimidas. Logo, a novidade não está na presença de elementos tradicionalmente vinculados ao universo oriental, mas, sim no movimento dessas crenças que agora extrapola pequenos grupos alternativos e passa a ser amplamente aceita no ocidente.

A crescente incorporação de idéias que estão em sintonia com o modelo oriental leva a uma derrocada da transcendência e a concepção do divino passa a ser substituída por aquela que predomina no oriente, ou seja, impessoal e imanente. Isso significa que, conforme já referido, Deus deixa de ocupar um plano fora do mundo e passa, aos poucos, a dar lugar a um Deus "no mundo". Esse Deus que está no "coração" de cada um de nós, pode ser acessado a qualquer momento de forma individual e independente através de vivências de tipo psíquico-místico, caracterizando as chamadas "religiões do *self*" (STEIL, 1999; 2004; 2006). Isso significa que a transcendência reside na intimidade do *self* individual, tornando "a experiência vivida pelo indivíduo como a instância última capaz de atestar a autenticidade do sagrado" (CARVALHO; STEIL, 2008, p.290).

É o que eu vejo. Eu vejo em ti, Deus. Eu não vejo em ti a Raquel. A Raquel está aí, mas é só uma embalagem com carne. Mas, tu és um ser muito maior.

Aaron Molina

O divino não está só em mim, o divino também está no outro.

Sarita Mendizabal

A fala do Maestro Lucidor Flores durante o *Sat sang* insistia que um discípulo da Mística deveria sentir Deus em seu coração, e que deveria sentir-se pertencente à totalidade do sagrado. Segundo ele "é preciso humanizar Deus", pois Deus está no mundo, e não fora dele. [Diário de campo de 2008]

Eu vejo Deus em tudo, sabe? Quando eu estou inconsciente eu reclamo. Agora quando eu estou consciente em vejo Deus em ti, eu vejo Deus na

comida que eu comi. Por que é um mistério. Na verdade o grande mistério da vida é tu contemplar e dizer assim “está bem, isso aqui é sal. Sal põe na comida. Mas de onde é que vem o sal? Que mistério é vir o sal, que mistério é vir água”. Agora no Peru tinha uma fonte que tem duas saídas numa pedra e ela joga a mesma vazão de água. Se tu coloca duas tinas, elas enchem ao mesmo tempo. São coisas assim que é um mistério na vida... o ar, o éter. Eu acredito que Deus está no pensamento, está em tudo, sabe?! Acho que Deus está em tudo. (...). Uma pedra pode ser sagrada, tua salinha de meditação, um altar. Isso é muito legal. Tu dar vida para uma pedra. Pedra pra nós é uma pedra. Mas, tu saber quantos milhares de anos esta pedra esteve se acumulando pra estar aqui. Essa consciência de sentir. Acho legal também. E eu ganhei quando conheci a Mística por que eu não tinha essa consciência de agradecer a comida, como eu agradeço *Pachamama*, agradeço a quem plantou, a quem colheu. Toda a cadeia que teve para eu ter esse alimento. A gente tem a visão de ir no super e comprar. E na verdade teve um monte de gente que trabalhou, e que morreu até. No caso da vaquinha, e no caso dos vegetais. Que são vivos (...). É o que eu vejo. Eu vejo em ti, Deus. Eu não vejo em ti a Raquel. A Raquel está aí, mas é só uma embalagem com carne. Mas tu é um ser muito maior.

Aaron Molina

(...) Tornar, viver, cada ato, em cada tarefa realizada é uma relação profunda com o sagrado. Se tu faz com inteireza teu trabalho, sente uma alegria imensa, uma felicidade, um amor, e aí também existe o sagrado.
Munay Flores

Inserida nesse universo das “religiões do *self*”, a Mística Andina vive uma espiritualidade que se abre para a experiência tida como infinita e incapaz de ser aprisionada pelas representações teológicas e doutrinárias das religiões institucionalizadas. Esta condição está prevista na própria definição da Mística Andina, que é vista como um movimento ou, nas palavras de Lucidor Flores, como algo “invertebrado”, pois não há uma estrutura inflexível, imutável, estática.

É invertebrada [a Mística Andina], é invertebrada, e ao ser invertebrada pode se transformar em muitas coisas. Na verdade a cada seis meses se transforma em algo diferente e novo e é muito bom isso por que nos acostuma a vida que é sempre nova. Nós vamos pelo caminho reverso tentando nos estruturar quando a vida é invertebrada. E a Mística Andina é invertebrada, é como o cheiro das flores, invertebrada. Então, os que estão entrando na senda, eu lhes pediria com muito carinho que tenham um pouco de paciência quando a mente exigir ‘onde me agarro?’. Isto é diferente. Isto é outro bairro. E não é um bairro universidade. Não é um bairro com objetivo laboral. A Mística Andina não tem objetivo laboral. Me compreendem? Então, por que vou meditar todos os dias se não tem objetivo laboral? Por que existem coisas que não têm saída laboral. A família não tem objetivo laboral, a amizade não tem objetivo laboral, dormir não tem objetivo laboral. As coisas importantes da vida são sem objetivo laboral. Nem tudo tem que servir para fazer grana. As coisas vitais não são para fazer grana ou para produzir. As coisas vitais são para descobrir, aprender, desfrutar e deixar que nos assombrem, permitir o assombro, a perplexidade. Então para os que estão chegando eu pediria um pouco de paciência *por que a mística andina é um jeito, um gesto e não uma estrutura edílicia de pensamento*. Por que observando muitos anos a vida descobrimos com os *amautas* andinos que as estruturas que as estruturas

de pensamento estão destinadas a ser convertidas em areia, como as grandes rochas. O mar da vida vem e vai e uma rocha gigantesca se transforma em uma praia. As grandes estruturas, as monolíticas estruturas de pensamento hoje são nada. Nos lembramos de Juan de Marco, o grande amante, e ninguém conhece a obra completa de Pitágoras ou nem o pensamento secreto de Platão e Aristóteles. A Mística Andina é um jeito, então eu lhes pediria um pouco de paciência para descobrir que um pode aprender através de jeitos de forma muito mais eficiente que aprender de pensamentos. Nós somos obcecados com pensamentos, obcecados! Com enormes catedrais de pensamentos: a formatura, o mestrado, o doutorado (...). Então para os que estão chegando nesta senda, confiem nesta senda que esta senda irá lhes dar o que outras sendas não deram que é experiência. *Aqui há pouca idéia, mas muita possibilidade de experimentar. Há pouca estrutura, mas muita possibilidade de experimentar.*"
Maestro Lucidor Flores¹³

Em sua própria definição, a Mística Andina aposta na inesgotabilidade da experiência, dirigindo-se a sujeitos que buscam articular de forma inovadora a preocupação com o planeta (nesse caso, corporificado em *Pachamama*) com a descoberta cada vez mais íntima de si (SOARES, 1994).

Pachamama pra mim é a consciência dessa unidade com o todo. *Pachamama* pros Incas faz uma ligação com uma divindade, com o feminino. Mas ela é a existência mesmo, que significa existir. Então quando a gente consegue em alguns momentos, mas que poderia ser a cada agora, a unidade com esse todo que é *Pachamama* a gente consegue sentir, sentir o sagrado que somos. Sentindo esse momentinho que a gente consegue conectar (...). A gente não vê a Mística como uma seita, nem uma religião. Um conceito que estaria próximo é do *religare* que bota o trabalho e o saber cuidar. É o que a Yoga também trabalha, que é o de união, reunião, *religare*. Que não passa pela doutrina, não passa por um estudo teológico, ou lógico, apenas. Mas que trabalha esse voltar pra dentro pra poder perceber que tu não és uma parte, que tu és o todo. Que o todo está em ti. É difícil de pôr em palavras. Mas é espiritualidade pra nós, para o que a gente tenta passar por cursos, palestras, vivências, as áreas de serviços, projetos da ONG, passa por isso de retomar essa profunda conexão [com *Pachamama*].
Melusina Iriarte

Uma pedra pode ser sagrada, tua salinha de meditação, um altar. Isso é muito legal. Tu dar vida para uma pedra. Pedra pra nós é uma pedra. Mas, tu saber quantos milhares de anos esta pedra esteve se acumulando pra estar aqui? Essa consciência de sentir. Acho legal também. E eu ganhei quando conheci a Mística por que eu não tinha essa consciência, assim, de agradecer a comida, como eu agradeço *Pachamama*, agradeço a quem plantou, a quem colheu. Toda a cadeia que teve para eu ter esse alimento. A gente tem a visão de ir no super e comprar. E na verdade teve um monte de gente que trabalhou, e que morreu até. No caso da vaquinha, e no caso dos vegetais. Que são vivos.
Aaron Molina

O papel desse movimento não é ser esse mediador do homem com o extraterreno, mas, sim, um catalisador de experiências de comunhão com o

¹³ Muitos trechos transcritos do Maestro Lucidor Flores são traduzidos do espanhol para o português.

sagrado. A Mística Andina oferece oportunidades: “A Mística Andina, então, é uma Mística viva que te dá instrumentos” (Melusina Iriarte). A partir das experiências nesse campo, se tornou evidente que as oportunidades de exercer esse modo de vida andino se dão, essencialmente, através de duas vias: nas práticas grupais e individuais promovidas pelo movimento e através da incorporação de novas formas de habitar o mundo e estabelecer suas relações pessoais.

O propósito não é só viver grupalmente. É se alimentar dali pra levar para o teu cotidiano, teu dia-a-dia, tua família, teu trabalho. Se manter ali, centrado. Esse é o propósito maior. Absorver os ensinamentos que são bem práticos pra levar pra nossa vida, *intentar* ser um ser humano melhor.
Munay Flores

3.2. Vivendo a Mística Andina através de suas práticas

Em uma tarde fria do mês de julho, estive meditando com o grupo sob uma árvore no Parque da Redenção. Neste dia, quem conduziu a meditação foi Aaron Molina, que nos convidou a sentir o ventinho fresco que passava, o barulho suave das árvores que ele estava sacudindo e apreciar até mesmo o barulho das pessoas passando e conversando, o que a princípio poderia ser visto como algo incômodo. Após a meditação, Aaron perguntou a todos o que significa meditar. Ele foi o primeiro a responder e disse que meditar é o nada, é poder chegar ao nada e, vazio, ter espaço para se encher. Já para Govinda, meditar é o encontro com *Pachamama*, com os animais, as árvores, com o todo.

As questões relativas à meditação sempre estiveram presentes nas minhas observações participantes, pois essa é uma prática central para o grupo. A relevância desta prática é reforçada na noção de que “o cuidado com a alma compreende igualmente um domínio de saberes relativos a novas formas de espiritualidades, terapias alternativas, meditação entre outros” (CARVALHO; STEIL, 2008, p.290).

O grupo tem uma rotina de meditações semanais. Estive presente nas meditações abertas das segundas-feiras. Também são realizadas meditações exclusivas para discípulos, para guias e os clãs organizam algumas meditações

específicas das suas famílias. Além desses momentos grupais, os discípulos devem incorporar a meditação diária em sua rotina, ao menos uma vez ao dia.

A meditação é não pensar em nada, é tu te esvaziar. Por que o copo só pode ser cheio se estiver vazio. A gente enche de desejos, de pensamento, de correria. Quando tu medita, tu esvazia o copo, para que ele se encha do sagrado, dessa coisa que existe por trás e que anima tudo. É um mistério. A vida é um mistério. Como é que teu rim não para de trabalhar? Como é o coração sabe exatamente a frequência? Sabe que quando tu corre precisa bombar mais? É um mistério a vida. Então, quando tu medita, acho que tu te esvazia para fazer com que Esse, que faz tudo isso girar, te preencha.

Aaron Molina

Hoje eu sinto que meditar é um ato de amor, um ato de entrega, de procurar sentir assim a Mãe Divina. Que Ela realmente me visite, e eu entre em *samádhi*. Mas é por um ato de amor, de entrega, de persistência, e amorosidade, disciplina. Eu acho que isso faz com que a meditação se torne daí esse silêncio, e daí realmente tu está entregue para exercitar algo amoroso e que te visite, tu não sabe quando, nem onde, nem como. Então a meditação hoje pra mim é como escovar os dentes, assim... *É encontro comigo mesma, eu sou o sagrado. E quanto mais eu me acesso, mais eu chego perto do sagrado, em níveis maiores.* Mas o sagrado está em mim, eu não vou buscar fora. É nesse silêncio, é nesse encontro com Deus. Pra mim, eu encontro Deus na natureza. Se hoje eu to fora do centro por alguma questão de emoção, de emocional, eu sento para meditar. Se a minha mente está cheia, eu canto, nem que seja mental. Por que eu sei que ali eu encontro alinhamento. Ou, senão, eu olho pro Sol, ou eu olho para as estrelas e vejo que a noite vai embora, e o dia vai vir. A luz é o meu prumo. Aquilo ali vai passar.

Alethéia Iriarte

É possível apreender a partir dos relatos que através desses momentos de aprofundamento em si os discípulos buscam se conectar com o sagrado que há dentro de cada um. A prática da meditação também passa a ser estendida para o dia-a-dia, pois gera aprendizados que podem ser utilizados em outras situações da vida, para além da meditação em si.

(...) a coragem de ter um filho em casa, parto domiciliar, que veio com essa reconexão que a Mística me deu com o feminino em mim. Minha mãe dizia que quando eu tivesse um filho ela queria estar a quilômetros de distância por que sempre fui muito sensível à dor. Eu chorava muito de dor. Até isso mudou. Quando eu fui pela primeira vez ao Peru eu sentia muito frio nas extremidades dos pés e das mãos, e a conexão com as montanhas, com a energia de *Pachamama*, mudou, mudou completamente isso da minha tolerância com o frio e à dor. A meditação ajuda muito isso, ajuda muito por que a gente tem outra percepção. E aí a experiência sensorial, tu sabe que tu tem essas sensações, mas que tu não é elas, e tu sabe que tu não precisa ser dominado por elas. Tu tem um nível de consciência que é maior do que isso. Quando tu entra num turbilhão emocional, tu também consegue se colocar aqui, um pouquinho afastado e tu sabe que está passando essa ondinha, mas não é só isso. Há muito mais. A gente consegue se manter fora. E quando vem uma crise mental, que pros Iriartes é muito forte, tu está passando por aquilo, tu consegue enxergar e tu consegue pelo ao menos silenciar e não causar muitas catástrofes fora. Então, tudo isso a meditação vai te dando, esse autoconhecimento. *A Mística Andina, então, é uma*

Mística viva que te dá instrumentos que pessoalmente eu sinto na minha vida, então a meditação te dá esse centro e isso é trabalho sobre o ego e serviço.
Melusina Iriarte

3.3. Incorporando o “jeito” de viver andino

Como o próprio nome sugere, os ensinamentos da Mística Andina são baseados no modo de vida dos camponeses andinos, principalmente em sua devoção à *Pachamama*. Nesta busca pela incorporação do modo de viver andino, o praticante da Mística Andina espera atingir um conhecimento cada vez mais íntimo de si, o bem estar e a felicidade. Adotando o jeito simples de viver e a devoção à terra, o indivíduo pode voltar a comungar com *Pachamama*, como comungavam os ancestrais andinos: “Nossas palavras são simples e diretas, nossa energia é o carinho e a simplicidade. Não temos pretensões de seguir nenhuma tradição, apenas usamos o jeito andino de leveza e carinho pela Mãe Terra, *Pachamama* (...)”¹⁴. *Pachamama* aqui é vista também como referência de virtudes éticas para a convivência social.

Diversas vezes pude presenciar conversas nas quais os sujeitos falavam sobre a grande mudança realizada pela Mística na suas vidas. Um tipo de relato freqüente é da melhora nos relacionamentos pessoais. Em 2008, participei de um retiro durante o final de semana em Tapes, interior do Rio Grande do Sul, para o encerramento da prática dos 21 dias. Fiquei hospedada com o grupo em um hotel que possuía uma vista da natureza muito privilegiada, o que gerou uma emoção muito grande para todos. Na ocasião, tive a oportunidade de conversar com várias pessoas e o tema “como a Mística mudou a minha vida” era frequente em muitas rodas. Irineu Mendizabal me relatou sobre as mudanças no relacionamento com seu pai, que só foram possíveis depois que conheceu a Mística. Até então, pai e filho nunca conseguiram relacionar-se bem, mas, atualmente, com o exercício da calma e os ensinamentos adquiridos na Mística, ele está conseguindo encontrar formas de aproximar-se do pai. Outras pessoas que estavam no grupo participando desta

¹⁴ Fonte: www.misticaandina.com.br

conversa concordaram com veemência e disseram que elas mesmas percebem as mudanças em Irineu e que sua energia está mais clara.

Mais tarde, neste mesmo dia, conversei com a Afrodite Molina sobre como ela tinha conhecido a Mística. A resposta dela foi muito interessante. Afrodite me disse que há mais de um ano estava com alguns problemas pessoais então decidiu procurar uma psicóloga. Em uma das consultas a terapeuta falou sobre a Mística Andina e ela ficou interessada e foi a uma das reuniões do grupo. Perguntei como tinha ficado a terapia, se ela tinha dado continuidade ao tratamento. Como se fosse algo muito óbvio, ela respondeu que não, afinal a Mística havia lhe auxiliado mais do que a psicóloga.

Durante entrevista, Aaron Molina também contou sobre algumas das mudanças nas suas relações pessoais. Segundo ele, a Mística destrói tudo que está mal construído para construir de novo de forma melhorada:

Até minha relação com meus filhos hoje, eu tenho bastante dificuldade, mas eu estou criando uma nova relação com eles hoje a base de amor. Não é a base de prêmio, castigo. (...) Então, a Mística destruiu tudo que estava mal construído, e voltou a construir de outra forma.

Aaron Molina

O discípulo da Mística Andina incorpora no seu dia-a-dia não só as práticas, mas também ensinamentos que falam de simplicidade, carinho e amorosidade, com o objetivo de viver de forma mais parecida com os ancestrais andinos. Em campo, ouve-se muito que o discípulo é discípulo o tempo inteiro, e não só quando está com o grupo. Logo, há um investimento pessoal na tentativa de tornar-se um ser humano sempre melhor, o que pode ser entendido como uma substituição do conceito ocidental de salvação pelo conceito oriental de auto-aperfeiçoamento, ou auto-deificação (CAMPBELL, 1997).

Até então eu não tinha encontrado um grupo que sonhasse e que quisesse um mundo, pra construir um mundo a partir da mudança de si mesmo. Então pelo ao menos pra mim, pra eu construir esse mundo tem que ser através de mim mesma. Então desde aquela época eu venho me trabalhando.

Alethéia Iriarte

E desde lá [que conheceu a Mística Andina] eu tenho seguido tal qual um ser invertebrado, molinho, flexível, fazendo as mudanças que precisavam ser feitas, e ainda continuo fazendo. Todo dia é se descobrir e renovar. E tem sido uma aventura grupal, também. Primeiramente foi um movimento de eu me descobrir e me perceber. Mas também percebi que eu não estou sozinha. Então tirou muito desse orgulho de auto-suficiência. A Mística trabalha, ela trabalha cada um onde precisa. A energia chega e trabalha ali, se é carência, se é orgulho, se é vaidade, se é prepotência, o que for, ela

vai ali e trabalha. E a gente começa a perceber que realmente a gente é, eu sou tu, tu é eu, nós somos esse todo, que está procurando chegar num ponto de equilíbrio. Estamos muito balançados ainda (...).
Melusina Iriarte

Durante um *sat sang*, Lucidor Flores relata uma conversa que teve com um camponês durante uma viagem ao Peru:

Um dos camponeses que conheci me contou que cada pessoa tem um número limitado de respirações até a morte, então quando realizamos algo de forma rápida, quando nos deixamos levar pela correria do dia-a-dia gastamos mais rápido nossas respirações. Por isso o melhor é respirar pausadamente e de forma tranqüila. Estamos divorciados da natureza e é necessário reverter essa situação e viver no ritmo da *Pachamama*, no ritmo em que nosso cocô é produzido, que nossos rins trabalham.
Lucidor Flores

Os relatos abaixo são muito enfáticos a respeito da intensidade e da dimensão das mudanças subjetivas oportunizadas pela participação no movimento.

Eu acho que eu sou menos racional, assim, menos mental e mais emoção. A gente dentro da Mística tenta trazer mais as coisas para o que a gente e nem tanto para o que a gente vê e ouve. Por que às vezes tu está ouvindo algo e vendo algo, mas se te conecta com o teu coração, com teu centro cardíaco, o que a pessoa está te falando tu sente que tu está ouvindo aquilo mas não está sentindo aquilo. Então se conectar mais com o coração e menos com o mental e tirar os rótulos. A gente, as pessoas em geral, rotula muito e na Mística a gente tenta ver por detrás dos rótulos.
Sarita Mendizabal

Eu sou uma antes, e outra depois. Principalmente nessa área emocional, de padrões mentais, de trabalhos de egos, de me tornar mais pertinho do que realmente eu ainda acredite que eu sou, perto da minha essência. E servir, aprender a servir. Aprender a deixar de pensar em mim mesma. Aceitar as pessoas como elas são, com aquilo que elas podem dar. Então eu sou uma antes, e uma depois. Eu fiquei super tranqüila, eu era agitadíssima assim. Eu sou ligeirinha hoje, mas sou tranqüila. E o meu objetivo é me tornar mais lenta. Então essas, acho que foram as principais mudanças. A minha casa, a rotina, o meu trabalho.
Alethéia Iriarte

3.4 O sagrado na simplicidade

Após uma das meditações abertas em grupo, Munay Flores foi solicitado a dar um pequeno *sat sang*. Para falar de inocência, ele contou a história de um senhor chamado Francisco, a quem o Maestro conheceu e com quem conviveu durante dois dias em uma viagem ao Peru. Francisco, segundo o que Munay contou, é um homem inocente, que dá de comer na boca da esposa e que ama com todo

carinho e entrega seus seis filhos. Ele passa seus dias agachado, soprando folhas de coca e rezando. Sempre inocente. Munay comenta que conviver e estar com pessoas assim tão inocentes é algo absurdo e impensável para a nossa sociedade, por que pessoas como Francisco são vistas como idiotas, como bobos, pessoas facilmente enganáveis. No entanto, o objetivo de contar essa história era, para Munay, de nos lembrarmos do quanto é importante resgatar a inocência, reconhecendo que temos muito a aprender, que somos filhotinhos e que só temos a agradecer. Disse que sabedoria na vida é saber rir de si mesmo, voltar a ser inocente, uma criancinha que é pura e não tem má intenção e que Francisco era um exemplo disso para ele, superando qualquer teoria. A sua humildade que vem do trabalho com a terra é a imagem de uma cultura de trabalho, de devoção e de amor que os camponeses andinos nos legam.

Falas como essa, de enaltecimento da vida simples, que é entendida como mais “pura” e verdadeira, estão sempre presentes nos relatos e nas práticas de quem integra o movimento. Esse modo de viver perseguido pelo grupo preza pela simplicidade e renega a vida urbana nos mais diversos aspectos. Assim, podemos sugerir que a dimensão do sagrado está nas práticas e vivências que trazem a simplicidade para a vida.

Ao refletir sobre os peregrinos contemporâneos, Steil e Marques afirmam que “na vivência das condições do espaço da peregrinação há uma depuração dos ‘males da vida moderna’ por meio da descoberta dos sentidos ‘verdadeiros’, que se encontram para além da estrutura social do cotidiano” (1999, p. 198). Peregrinar significa, em última instância, um retorno ao que há de ‘puro’ (...)”. Assim como no caso dos peregrinos contemporâneos, essa polarização do bem do mal, associados com a vida simples, e a vida urbana pode ser observada com muita frequência ao conhecer as histórias pessoais dos integrantes da Mística Andina.

Enquanto as expectativas de bem-estar e saúde aparecem cada vez mais imbricadas com a natureza, as idéias de infelicidade e mal-estar são associadas à vida urbana e à civilização (CARVALHO, 2010). Ao refletir sobre a oposição entre civilização e felicidade, Carvalho (2010) afirma que este não é um dilema exclusivo do ideário ecológico. Tanto o sujeito ecológico, quanto o sujeito psicanalítico, são porta-vozes de uma visão romântica da condição humana e seus dilemas. Assim, ambos operam a partir de uma visão pautada na oposição entre natureza e cultura.

Mas, diferentemente da visão da psicanálise, que considera tal oposição insolúvel, na perspectiva do ideário ecológico, o sofrimento humano reside no afastamento de uma ordem natural e no desrespeito aos limites da natureza.

Melusina Iriarte, 43 anos, mestra em educação, conheceu a Mística Andina em 2002. Nessa época, ela conta que estava ligada ao mundo acadêmico e levava uma vida tipicamente moderna, na qual sempre falta tempo e sobram tarefas a serem realizadas. Seguindo a “cartilha da mulher moderna”, dedicava seu tempo aos estudos e ao trabalho, sempre negligenciando os aspectos ligados à vida mais simples, como preparar o próprio alimento, bem como aspectos relacionados à vida afetiva. Pois, segundo seus antigos valores e padrões, existiam obrigações mais importantes do que investir tempo e dedicação a um relacionamento, ou mesmo para construir uma família.

Após conhecer a Mística, sua vida mudou completamente. Não só pela mudança de valores, conforme fica evidente nos trechos a seguir, mas, também por que foi ela quem apresentou a Mística Andina para Munay Flores (34 anos, Especialista em Educação Escolar), com quem veio a casar e ter um filho. Antes de ingressarem na Mística Andina, os dois já haviam sido namorados, porém o relacionamento tinha acabado e só foi retomado quando os dois já pertenciam ao movimento.

Podemos perceber, a partir do relato da Melusina, que a civilização e as demandas da vida moderna são vistas como fonte não só dos males planetários, mas, igualmente, do sofrimento individual, já que dita padrões e valores que norteiam também as escolhas na vida pessoal em termos de relacionamento e configurações familiares.

A Mística Andina pra mim hoje ela é a minha vida, em 2002 foi o que me proporcionou esse reencontro com o profundo em mim, que minha alma ansiava e que eu tinha deixado de lado em nome da academia, do mestrado, em nome de algumas coisas que eu tinha decidido que eram daquele jeito. Tipo, “ah, sou auto-suficiente, não preciso casar, ter filhos. Posso namorar quem eu quiser na hora que eu quiser. Não preciso de compromisso. Não preciso ter casa, posso andar por aí”. Como tantos outros compromissos que as pessoas vão assumindo. Ou “eu preciso ter casa, preciso ter trabalho, conseguir tantas promoções, ou tantos títulos acadêmicos”. Minha vida mudou completamente. Desde a possibilidade de me relacionar com uma pessoa, ter um companheiro, que era algo que eu não estava aberta. Então me abri para ser amada, primeiro. E eu fugi dele (Munay) por dois anos. Então foi realmente ser amada, primeiro, pra descobrir que eu posso amar, que eu tenho algo para dar, e que isso pode ter continuidade no tempo e pode ir se transformando. E pode até gerar uma vida, receber um serzinho de luz como é Ruda e assumir a educação

dele por um tempo, sabendo que daqui a pouco ele tem asas e vai voar. E é livre, e é maravilhoso, é um mestre. Mudou muito.
Melusina Iriarte

No trecho abaixo, podemos perceber que ela passou a atribuir um novo valor para tarefas antes entendidas como “perda de tempo” em relação às demais atividades e exigências impostas por um estilo de vida moderno. A própria educação também passa a ser vista como produtora desse processo civilizatório e de ênfase na dimensão da racionalidade, de modo que Melusina passa a valorizar uma vida que pode ser mais rica em experiências e não em teorias.

Mudou muito. Mudou muito. Desde a geladeira. Eu morava em um apartamento, em Floripa, dividia com uma amiga. Estava na academia, preocupada com conceitos, em escrever minha dissertação de mestrado, definir linha de pesquisa, problema, longe da minha família, que estava no RS. E mesmo ali eu buscava. Fazia workshops, vivências, procurava uma terapia aqui, uma terapia ali, mas nada tinha me feito esse clic de sentir a minha alma pedindo por algo que eu sentia o que era, mas não conseguia dizer. Voltando a geladeira, ela era totalmente vazia por que comer pra quê? A gente corre, tem quem estar correndo atrás dos prazos, a gente tem que falar as pessoas pra definir as coisas, a gente tem que se divertir, então tem que sair, comer fora, e assim vai. Então hoje eu faço pão caseiro, cuido da família toda (...). Então, eu não sei, mas 100% eu diria que a minha vida mudou. Em todos os sentidos. Na ênfase, na importância que eu dava para o título acadêmico, de ter uma profissão, de ter um salário no fim do mês, de ter uma conta bancária. Ainda tenho conta bancária, só eu nessa família que tenho conta bancária (risos). Me abri para viajar. Se me perguntavam ‘tu quer conhecer algum lugar?’ e eu não tinha anseio de sair do país, viajar. Agora já fui ao Peru duas vezes, à Argentina outras tantas. O Maestro sempre brinca que vamos à Europa, convidou agora pra ir pra Índia. Então, assim, os horizontes se abrem em todas as direções, tanto para dentro, quanto para transformar velhos padrões, medos. Eu lembro que eu ia visitar a minha vó e ela sempre fez pão caseiro, e eu olhava aquilo e achava uma perda de tempo e de energia por que podia estar lendo um livro. E a padaria está ali, o pão sai tão fácil, está tão baratinho. Pra quê tudo isso? E aí tu ressignifica tudo, por que o pão é um momento de devoção, de conexão com a tua energia e com a energia do todo. De oferecer aquilo. Então venho resgatando meus vínculos primeiros com as minhas raízes familiares, essas dos campesinos, do pessoal da roça, colono. Mas é também muito mais. Eu descobri o poder da mulher de nutrir, de cuidar, de transformar uma situação.

Melusina Iriarte

No anseio de estabelecer uma comunhão com o natural, a incorporação dos valores andinos implica também em uma mudança do sentido que o próprio trabalho ocupa na vida desses indivíduos. É o que vemos no caso de Aaron Molina, de 43 anos, que conheceu sua companheira, Alethéia Iriarte, na Mística.

Quando cheguei para a meditação de sábado na Redenção, logo vi o Aaron Molina sob uma árvore e me juntei a ele. Cumprimentamo-nos com um carinhoso abraço e de imediato engatamos uma conversa sobre a vida profissional dele. Ele me contou que é formado em Engenharia Civil, mas que atua como comerciante, e que costumava ter três lojas de pneus: uma

em Porto Alegre, outra em Rio Grande e outra em Pelotas. Mas ele disse que nos últimos tempos decidiu vender as duas primeiras, pois começou a valorizar outros aspectos da vida. Ele diz ser muito grato a esse trabalho, já que foi através dele que conseguiu estabilidade financeira e hoje pode viver tranquilo, porém, esse aspecto não é mais central na sua vida. Trabalhando menos, ele pode agora se dedicar a diversas atividades da Mística e tem muito mais tempo livre para desfrutar a vida.
[Diário de campo, 2011]

O relato de Aaron mostra claramente que o trabalho em excesso ou o trabalho que não gera prazer e visa somente o ganho financeiro é uma fonte de desequilíbrio e está relacionado à civilização. Repensando o lugar e a importância do trabalho, Aaron, que antes era um empresário mais ambicioso, conta que resolveu abrir mão de parte do seu negócio para ter mais tempo ao que interessa, que é desfrutar a vida. E as formas mais simples, mais honestas de desfrutar a vida que ele busca podem ser sustentadas através de um patrimônio menor.

No caso de Alethéia Iriarte (51 anos), observamos que, a exemplo de Aaron, ela também diminuiu sua carga horária de trabalho e ainda abriu mão de um trabalho que seria mais reconhecido de acordo com os valores dominantes em nossa sociedade e melhor remunerado, por outro que é mais simples, porém, lhe toma menos tempo e lhe traz uma maior sensação de satisfação pessoal. Ela é formada em Relações Públicas e conta que trabalhou como assessora de comunicação durante muito tempo, até que optou por um trabalho de atendimento ao público que é mais simples, porém lhe traz satisfações de outras ordens. Através do seu relato, mostra que os aprendizados da Mística Andina são incorporados mesmo nas situações mais ordinárias do dia-a-dia:

Eu saí de assessorias, não quis mais assessorias de jeito nenhum. Eu tive propostas porque eu sempre trabalhei na área de comunicação. Então eu era assessora de comunicação social da FASE. Eu vivia de telefone ligado. Depois eu fui pro TRE e lá me ofereceram depois de dois, três anos, eu já estava na Mística, pra assumir a assessoria de comunicação de um outro órgão do estado que eu ia ganhar super bem e aquilo ali pra mim assim na hora foi “não”, porque eu não queria mais isso. Eu já estava em outra vibração e fiz essa opção. E foi a melhor coisa, qualidade de vida. Atualmente trabalho no TRE, num dos trabalhos simples de atendimento ao público onde eu adoro as pessoas. Percebo que no meu guichê as pessoas saem sorrindo, dificilmente sai algum problema. A ponto de uma colega me dizer assim: “mas o que tu faz que os problemas nunca vêm pra tí?”. E eu disse “mas tem problemas, só que a forma de lidar com eles é diferente”. Coisas que antigamente eu pessoalizava o que a pessoa trazia ali. Se a pessoa chega agitada, se a pessoa chega com os problemas dela, eu trato ela com carinho, com respeito, e procuro ajudá-la naquilo que é possível. Então quando elas saem, elas saem tranquilas. E aí eu comecei a passar tudo isso pro meu dia-a-dia, pro meu trabalho, pra minha família. O sagrado não fica só enquanto eu estou na Mística, na meditação, ou enquanto eu estou no encontro. Começa a se tornar a minha vida. Eu levo pro meu

trabalho, levo pras minhas amizades, levo como eu trato as pessoas. Entendeu?! Não é uma coisa à parte quando eu estou lá. E se eu em algum momento eu não ajo como eu já estou, eu peço desculpas, eu reconheço. Enfim, é muito diferente.
Alethéia Iriarte

Melusina também traz seu exemplo, que ilustra uma ruptura ainda mais radical com a lógica do trabalho moderno.

Eu já trabalhei quatro turnos. Eu já fui coordenadora de curso de pedagogia, e professora de três disciplinas à noite na Universidade de Caxias do Sul. Pra ti veres o quanto mudou. Trabalhava como supervisora pedagógica em um turno numa escola particular de jardim a oitava série, e de manhã eu dava aula numa escola municipal, numa turminha de alfabetização. Até que eu fiquei doente. Tive apendicite e disse “alguma coisa está acontecendo” e fui parar em Floripa, que me levou a conhecer o Mestre. Então hoje eu consigo respeitar. Hoje eu não trabalho fora, num emprego formal. Por que nessa coisa do emprego formal e de ter salário do final do mês tem muito de um medo e de uma ilusão de segurança que isso traz. E isso vem sendo trabalhado em mim nessa parte de conexão com *Pachamama*, de confiar e descobrir teus talentos, de repente tu estou pra alguma coisa, mas teus talentos são múltiplos, e tu pode gerar abundância e tua própria sobrevivência, tua subsistência, de outra forma, de uma forma mais lúdica, mais aberta, mais abrangente, junto com outras pessoas. Então um tempo a gente cursa artesanato, com a vaquinha a gente brincou de levar iogurte, doce de leite e leite pras meditações e vender. Então assim, eu não sei, mas 100% eu diria que a minha vida mudou. Em todos os sentidos. Na ênfase, na importância que eu dava para o título acadêmico, de ter uma profissão, de ter um salário no fim do mês, de ter uma conta bancária. Ainda tenho conta bancária, só eu nessa família que tenho conta bancária (risos).
Melusina Iriarte

Vemos que, atualmente, sua noção de trabalho não pode ser desvinculada da idéia de uma natureza boa e abundante. Assim, ela aposta numa forma de trabalho que se distancia em todos os aspectos do que pode ser entendido como as formas convencionais de trabalho.

Essa nova forma de viver a religiosidade que se estrutura a partir de vivências individualizadas e que acessa o sagrado a partir da simplicidade, implica em uma série de alterações na rotina desses sujeitos. Nesse sentido, percebemos que essas mudanças abrangem desde uma dimensão mais macro, como o desenvolvimento de uma consciência ecológica, até uma dimensão micro, que pode ser percebida nas questões de ordem da intimidade e das relações pessoais. Neste sentido, não estamos falando aqui de uma simples adesão a modismos relacionados à espiritualidade ou a discursos destituídos de sentido: os relatos obtidos evidenciam que esta nova forma de viver a relação com o sagrado e o engajamento em relação as suas práticas e princípios acaba por promover uma série de mudanças na vida desses indivíduos.

3.5. *Ashram*: “um outro mundo é possível”

Para Carvalho (2010), o ideário ecológico, diferentemente da cura psicanalítica, que não pretende resolver o conflito natureza e cultura, toma uma via mais utópica ao apostar numa solução para o conflito natureza e cultura, inaugurando o *habitus* ecológico que

clama em uníssono com os movimentos altermundistas por *um outro mundo possível*. Com isso a questão ambiental torna plausível não apenas um discurso político sobre novos pactos planetários e modos de regulação das relações sociedade e natureza, mas também inaugura um estilo de vida. Um *habitus* ecológico no sentido de Bourdieu (1989). No plano individual isto leva a incorporação de hábitos e atitudes em várias esferas da vida: alimentação (produção agroecológica, orgânica, antroposófica, bem como movimentos por outra alimentação (feiras ecológicas, Slow Food); habitação (ecovilas, ecodesing, permacultura); vestuário (valorização de estilos étnicos, roupas artesanais, tecidos naturais); Saúde (medicinas alternativas, orientais, modos de vida saudáveis identificados a uma vida simples e o contato com a natureza como restaurador); produção (cooperativas, venda direta, economia solidária); espiritualidade (práticas espirituais que associam o sagrado à natureza e valorizam tradições pré-modernas — como a tradição céltica, o xamanismo indígena entre outras — na experiência do sagrado. (CARVALHO, 2010, p. 8 e 9)

A criação e incorporação desse *habitus* ecológico parece estar muito presente para os integrantes da Mística Andina. Desde a metade do ano de 2011, os casais Melusina e Munay, e Govinda e Rocio se mudaram para o *ashram*¹⁵ Aoniken, em Alvorada, com seus filhos e também com a amiga Esmeralda Molina. Neste local sagrado, eles estão experienciando uma forma totalmente nova de viver e que pode transcender de inúmeras formas, pois não lhes foi passada uma orientação estruturada e fechada sobre como deveria ser o *ashram*.

Então, assim, posso dizer que saí de uma teoria sobre o que poderia ser uma ecovila, a viver. E uma experiência totalmente aberta, sem fronteiras. Na Mística não tem dizer “o *ashram* é isso, tu vai fazer isso”, mas sim “vamos viver a experiência do *ashram*? Vamos?” “vamos!”, “tem algum parâmetro?” “não”. E criar junto. É uma Mística viva, e ela é amplamente transformadora em todas as áreas da minha vida.

Melusina Iriarte

Esses cinco moradores não estão apenas vivendo no *ashram*, mas, sim vivendo o *ashram*. Esse espaço sagrado será construído por eles, pelas vivências e experiências deles, pois não há uma cartilha a ser seguida, ou uma definição

¹⁵ No primeiro capítulo desse trabalho foram trazidas informações iniciais sobre os *Ashrams*.

estanque, há somente a prática. No trecho abaixo, Melusina explica o que é o *ashram* e também nos relata a rotina dos seus moradores.

A gente sabe o que não é [o *ashram*]. Não é uma ecovila, não é um sítio. É a casa do Maestro, é a *ashram*, é o lar espiritual, que está nesse plano físico. É difícil colocar em palavras por que o que a gente experiência aqui se dá em muitos planos. (...) Mas de forma geral aqui é um lugar que a gente aprofunda as práticas espirituais. Então, de manhã a gente medita, acorda e medita. Tem sido às 6h30, justo para o Govinda que sai todos os dias cedo, às 7h30 ele tem que estar saindo. Então a meditação matinal, tem, mas não é rígido também. Às vezes a gente faz 5h30 da manhã, às vezes a gente faz às 7h. No domingo, geralmente, a gente faz um pouquinho depois. Não é rígido, por que a gente aprendeu que rigidez não tem como. Mas é preciso um fluxo, e passar um dia sem meditar não tem como. Então, prática espiritual tem a meditação de manhã, e a gente está tentando também manter o fluxo de meditação também à noite, grupal, fora as práticas individuais (...). E a gente procura dividir todas as tarefas. A gente tem um sistema de rodízio que cada um faz um pouquinho do que precisava ser feito para todo mundo ter uma idéia de um todo. Conseguimos fazer isso, então agora todos têm. Então agora a gente está tentando apostar na consciência de cada um, e cuidando sem muita norma, sem muito horário, mas cada um dar conta do todo, cada um fazer a sua parte. Para a energia estar fluindo e tentar deixar o *ashram* em ordem. E tem estudos, todo dia depois da meditação a gente trabalha com as lições. (...). A gente estuda sobre o *ayllu*. E aqui a gente recebe as pessoas também. A gente fez alguns cursos no salão. A gente já fez meditações grupais aqui. A idéia é que seja um espaço de vivências espirituosas. Mas o que a gente vive. Trazer pessoas de pessoa de fora e da Mística para experienciar esse espaço que é sagrado para nós, que é a casa do Maestro e essa energia.

Melusina Iriarte

A partir do relato do Aaron podemos ver também que o surgimento de novos valores é um dos objetivos da idéia de Nação *Pachamama* e das vivências no *ashram*.

Eu sonho, junto como todos os outros, em uma Nação *Pachamama* em que não tenha diferença, onde não tenha fronteira, onde a gente seja amoroso, a gente seja compassivo, e que a gente se ajude, que a moeda não seja o dinheiro, mas sim as trocas solidárias. E para isso a gente tem que se habituar a fazer esse trabalho grupal. E principalmente com o passar dos anos ir acostumando os filhos, os netos, as pessoas no geral, pra que percebam que isso é possível. E dentro de um *ashram* é possível. O pessoal lá já está vivenciando isso.

Aaron Molina

Sarita também explica o que seria a Nação *Pachamama*.

Nação *Pachamama* é um lugar sem fronteiras. Tudo é Nação *Pachamama*. O planeta chama *Pachamama*. Então por que naquele país tu não podes entrar, ou sei lá o que? Nação *Pachamama* é todo o planeta. Então é fazer uma Nação única, é unidade grupal. Não importa a cor que tu tem, a cultura que tu tem, ou a idade que tu tenhas. Todo mundo tem pra ensinar e tem pra aprender. Nação *Pachamama* é uma utopia? Pode ser. Mas a utopia da Mística é que a gente acredita que é possível. (...) Então a Mística Andina é tu saber que os cavalos têm mais valor que o carro, o ser vivo tem mais valor que um carro. O ser vivo tem mais valor que ter dinheiro. Não importa se tu nasceu numa família que não tenha renda, ou se o cara tem uma

fortuna enorme. Tudo faz parte da Nação *Pachamama*. Todos são faíscas divinas. Tudo é Deus. Então não existe fronteira.
Sarita Mendizabal

Na assimilação de técnicas e práticas que buscam essa reconexão com natureza, percebemos que esses sujeitos apostam numa idéia de *cultivo de si* que articula os cuidados com o próprio corpo àquele dedicado à Mãe Terra (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008). No próximo capítulo, a partir do paradigma da corporeidade de Csordas (2008), será realizada uma reflexão sobre a tentativa desse movimento de viver um corpo maior que o corpo físico, um corpo fenomênico que se expande para o ambiente e que busca dessa forma a comunhão com o todo, a comunhão com a Mãe Terra.

4 CORPOS DE *PACHAMAMA*

4.1 “Somos uma única tribo, uma totalidade e a saúde de um depende da saúde do todo¹⁶”

Em uma tarde de sábado ensolarada, o grupo, como de costume, se reuniu na Redenção para meditar. Na ocasião, quem conduziu a prática foi a Rada Dédalos, que nos convidou a fechar os olhos e sentir tudo o que nos cercava. Sentir o manto verde da grama, a leve brisa, os raios de sol atravessando nossas peles. Em seguida, solicitou que imaginássemos a *chacana* de cor dourada sobre um fundo roxo e fios dourados saindo de cada um nós e nos ligando a ela. Assim, deveríamos sentir a nossa profunda conexão com *Pachamama*, sentir como é estar no seu colo de Mãe. Em seguida, devíamos irradiar para o Rio Guaíba e todos os seres que ali habitam. Assim, ficamos em um silêncio profundo durante cerca de 40 minutos, até que “voltamos” lentamente e abrimos nossos olhos.

Após a meditação, Rada e Irineu Iriarte contam ao grupo que naquela semana o grupo da ONG *Pachamama* em Pelotas esteve com 21 crianças de uma escola pública visitando o aterro municipal. O objetivo era ver o que acontecia com o lixo recolhido nas residências e explicar esse processo às crianças. No aterro, eles também tiveram a oportunidade de conhecer e conversar com catadores de uma cooperativa que trabalha em parceria com a prefeitura para dar um destino mais adequado ao lixo seco. Segundo Rada, esse foi um momento muito bonito e especial.

Alethéia aproveitou o tópico levantado pelos dois para falar da importância de separar o lixo nas nossas casas. Segundo ela, temos a obrigação de colocar em prática os aprendizados adquiridos sobre como ajudar na reciclagem e demais práticas sustentáveis. Enquanto a Alethéia falava, a Rada distribuiu um material com orientações para a separação do lixo. Em seguida, a Rada pediu para a Verinha falar sobre o projeto dela com cachorros abandonados. A Verinha respondeu que a iniciativa não chega a ter a formatação de projeto, mas trata-se de uma tentativa de

¹⁶ Lucidor Flores

recuperar esses cães e em seguida encontrar pessoas interessadas em adotá-los. Segundo ela, devemos lembrar que somos todos irmãos dos bichos, que os seres vivos não estão em uma hierarquia, logo os humanos não são superiores aos animais. Verinha ainda foi categórica ao dizer que somos todos uma manifestação do divino, somos todos *hermanitos*.

A proposta deste capítulo está alinhada a este relato do campo, pois pretende pensar sobre a forma como os integrantes da Mística Andina se posicionam em relação à busca do seu bem-estar e também do bem-estar da natureza. Assim, será realizada uma reflexão sobre essa espiritualidade que se constitui não só na relação com *Pachamama*, mas, sobretudo, na busca da comunhão com a Mãe Terra. Para entender essas relações e como o bem-estar do sujeito constitui e é constituído pelo bem-estar do Planeta, será utilizada a noção de “cultivo de si” (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008).

Em consonância com o processo de “orientalização” defendido por Campbell (1997), foi exposto anteriormente que os indivíduos da Mística Andina acessam um Deus que está “no coração”, assim, quem gera autenticidade do sagrado é a experiência. Esse Deus imanente não requer uma mediação institucional para ser acessado, tendo em vista que o sujeito, através de procedimentos ecológicos, tem a capacidade de acessá-lo a qualquer momento. Podemos concluir, portanto, que a incorporação de hábitos ecológicos passa a fazer parte desse sistema de crenças religiosas. A idéia de “cultivo de si” surge exatamente da articulação desses dois universos: o da ecologia, e o da espiritualidade (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008). Neste sentido, considera-se que a utilização da noção de “cultivo de si” seja bastante profícua para analisar a realidade observada e experienciada nesse campo de investigação.

A noção de “cultivo de si” abarca dois vieses: um referente ao sujeito e outro ao ambiente. Quando se refere ao sujeito, trata-se da incorporação de diversas práticas de cuidados com o corpo e com a alma. Enquanto os cuidados com a alma compreendem o domínio de saberes relativos a novas formas de espiritualidade, terapias alternativas e meditação, os cuidados com o corpo podem ser verificados nas formas saudáveis de alimentação, na prática de exercícios físicos e no uso de medicina alternativa (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008).

Nesse sentido, recorro uma das meditações semanais abertas na qual o Maestro Lucidor Flores estava presente. Após conduzir a meditação, o Maestro deu alguns conselhos para uma vida mais plena e em harmonia com *Pachamama*. Assim, orientou-nos através de algumas dicas, a viver no ritmo da Mãe Terra, tornando-nos mais lentos na execução das tarefas diárias, nos distanciando cada vez mais da loucura da cidade, e assim, tirando mais proveito da vida. Segundo ele, a *siesta* diária é imprescindível para alcançar esse objetivo. Para quem não tem a possibilidade de ir para casa do trabalho e tirar este breve cochilo após o almoço, ele sugeriu que usasse alguma esteira, ou colchonete e deitasse ali mesmo, no local de trabalho. Certamente os colegas de trabalho achariam tudo isso muito estranho em um primeiro momento, mas é possível, segundo o Maestro, que em seguida passem a exercer esse hábito tendo em vista seus benefícios.

Nesta ocasião, como também em outras, a alimentação também foi uma pauta importante. Lucidor incentivou uma alimentação mais saudável, rica em alimentos integrais e evitando, sempre que possível, os industrializados. Também disse que devemos ser “mão aberta” na hora de ir ao mercado comprar os alimentos, optando sempre pelo melhor, investindo dinheiro em alimentar-se bem.

Como foi exposto, o “cultivo de si”, quando se refere ao sujeito, também abarca o uso de medicinas alternativas ou mesmo cuidados alternativos com a saúde. No trecho abaixo, extraído de um diário de campo, vemos uma conversa que presenciei entre a Alethéia e a Diana, ambas da família Iriarte, que se refere a estas questões.

A Alethéia comentou com a Diana que estava com as energias boas e a mil, mas que o corpo físico a estava castigando muito. Disse que teve um episódio de ataque de asma como nunca tinha tido e que há muitos anos não tinha asma. A Diana reclamou também que estava muito mal e que pensava em ir num desses médicos de nariz, garganta e tudo. Na hora a Alethéia discordou e disse que ela deveria usar alguns métodos caseiros e simplesmente deixar tudo de ruim sair por que, como ela, a Diana deveria estar liberando todas essas coisas por causa da Lua Cheia de Wesak. A Alethéia ainda contou que numa dessas noites em que estava muito mal com esses problemas respiratórios escreveu para o Maestro e depois se conectou com ele e então ele removeu com a mão o problema. Nesse momento lembrei que numa ocasião anterior a Alethéia me contou que é homeopata e que sempre que pode evita alopatia e prefere formas alternativas de tratar os sintomas das doenças.

[Diário de campo, 2011]

Nos trechos de entrevistas apresentados abaixo, também fica claro que a enfermidade, para os integrantes da Mística Andina, nunca é um acontecimento

isolado, logo, seu tratamento, a busca da sua cura, inevitavelmente acontece de uma forma diferenciada. O entendimento do corpo e da alma não pode ser encarado de forma dissociada. Antes de usar o recurso da alopatia, buscaram-se opções como homeopatia, mudanças na dieta e outras práticas alternativas.

Por que a energia também tem a ver com teu aspecto emocional. Quando o corpo adocece é por que o teu emocional ou teu corpo mental, já estava doente. Só que tem que sair por algum lugar essa emoção, ou esse padrão, e tem que ser pelo corpo, tem que se materializar. É uma onda eletromagnética que tem que se materializar. Então tu adoceces. Se eu estou com algum problema de pulmão, as raízes podem ser algum floral que eu estou tomando, ou algum padrão que esteja sendo limpado. Pulmão é tristeza, pode estar mexendo com tristeza. Mas eu estou sabendo que aquilo é pra limpar, é consciência. Nem todas as pessoas ainda têm. Mas se tiver uma coisa mais séria, aí vou ter que recorrer e vou ter que tratar diferente.

Alethéia Iriarte

A energia faz a saúde. Remédio mesmo fui tomar agora por que na própria Lua de Wesak tive problemas no nariz. Então, o que aconteceu: eu procurei argila branca, tomei homeopatia, cortei o leite, fiz acupuntura e não tomei remédio de farmácia.

Aaron Molina

Com relação à saúde especificamente a gente tem algumas práticas, algumas técnicas. Por que toda doença física ela vem antes energética. Então se energicamente tu consegues estar centrado, e a Mística e a meditação e todas as práticas nos ajudam nisso, é... Dentro da parte de saúde também, claro não vou dizer que eu não tomo remédio esporadicamente, se precisar tomar, eu tomo, mas eu prefiro sempre tentar ver por onde, meditar, prevenir, sem ter que buscar uma alopatia. Não sou contra e até acontece, se precisar muito eu tomo. Mas eu prefiro fazer algumas práticas de limpeza energética que a gente tem antes de tentar direto o médico. Por que a Mística, dentro da tradição andina, antigamente eles não usavam isso, usavam coisas mais naturais. Então a gente tem algumas dessas práticas que eu procuro usar também.

Sarita Mendizabal

Já a dimensão do “cultivo de si” referente ao ambiente nasce da preocupação ecológica, relacionada à sustentabilidade da natureza, à educação ambiental e à sobrevivência do planeta. Assim, os sujeitos incorporam formas mais ecológicas de consumo, podendo adotar a reciclagem, a arquitetura agro-ecológica, entre outras alternativas (STEIL; CARVALHO, 2007; 2008).

E o objetivo também da Mística é a gente semear. Lucidor nos diz que somos jardineiros de *Pachamama*. Cuidar de *Pachamama*, o Planeta Terra. Então semear.

Sarita Mendizabal

Então a gente sente que *Pachamama* é um reflexo da gente e nós somos um reflexo dela e que, juntos, a gente pode chegar a um consciente de consciência e de carinho que pode realmente transformar. Não o mundo inteiro. A gente não tem essa pretensão. Tanto que as ações de ONG são pequeninhas. Não querem “ah, todo mundo agora vai usar sacola de pano”.

Não. Mas a gente tem um projetinho que a gente toca, de perto. E está bem até onde for. (...) A gente é uma partezinha pequena. Pequeno pardal, mas que faz a diferença. Juntos a gente sente a luz (...). Em 2006, o Lucidor saiu, fez uma iniciação no Peru importante e foi à Índia. Quando ele voltou dessa viagem a Índia, ele criou a ONG *Pachamama* com esse objetivo de trabalhar, na época ele não usou o termo eco espiritualidade, mas que a gente percebesse que além de ser parte, desse sentimento forte de ligação com *Pachamama*, que a gente percebesse que ela estava precisando de ajuda e nos propôs sermos jardineiros de *Pachamama*. Aí tem todo o trabalho que a gente vêm fazendo com a ONG. E os discípulos vão assumindo cada vez mais áreas de serviço que tenham a ver com *Pachamama*. Sejam com os gatinhos lá no parque em Fortaleza, seja cuidando das árvores no Parque da Redenção, teve outro naquela mortandade de peixe no Rio dos Sinos (...).

Melusina Iriarte

A gente começa a cuidar muito mais a saúde. Por que tu és o que tu come. A parte ecológica a gente também cuida. Mas é um processo. A gente, por exemplo, tinha um processo de comprar menos PET. Mas, foi difícil, a gente foi construindo. É uma série de hábitos que a gente foi mudando. (...) Reconhecimento e gratidão. É isso que a *Pachamama*, nossa Mãe, espera de nós. Reconhecimento e gratidão. Se tu reconheces e é grato, ela se cura e tu vai cuidar dela. A pessoa que é grata e reconhece, cuida. E eu considero *Pachamama* a minha mãe, minha mãe maior (...). A gente passou por uma caminhada pra consumir menos PET, pra tomar um chazinho, ao invés de um refrigerante. Tu precisas de um tempo pra mudar esses hábitos, pra pegar gosto. É um período.

Aaron Molina

Para compreender as noções de bem-estar físico e espiritual dos integrantes desse movimento, temos que atentar que os mesmos buscam uma totalidade com a Mãe Terra, logo, o cuidado físico, mental e espiritual estará sempre ligado ao cuidado e a preocupação com o planeta. É necessário ter em vista que a tentativa nesse campo é de viver um corpo não dualista ou isolado, mas um corpo que se expande para o ambiente.

4.2 O paradigma da corporeidade

Assim, escolha do paradigma da corporeidade de Csordas (2008) se dá pela necessidade de eleger um referencial teórico que seja capaz de lançar luz sobre estas experiências vividas no movimento e de seus reflexos sobre as formas de relacionar-se consigo mesmo, com os outros indivíduos e com o meio ambiente. Csordas não só problematiza, mas rompe com perspectivas que orientam a observação e a representação da realidade vivida a partir de categorias duais e

estanques, que não oportunizam o acesso à complexidade que caracteriza diferentes fenômenos culturais, dentre eles, os aspectos religiosos e espirituais da atualidade.

A construção desse paradigma se dá a partir do exame crítico da teoria da percepção de Merleau-Ponty (1999; 2000) e da teoria da ação de Bourdieu (2008). Esse ponto de partida para Csordas justifica-se pelo fato de que esses dois autores não mediam, mas sim colapsam dualidades, ambos invocando o princípio metodológico da corporeidade (CSORDAS, 2008, p.105). O autor irá elaborar essas duas visões a partir do conceito de *pré-objetivo* de Merleau-Ponty (1999) e do conceito de *habitus* de Bourdieu (2008).

(...) para Merleau-Ponty o corpo é um “contexto em relação ao mundo”, e a consciência é o corpo se projetando no mundo; para Bourdieu, o corpo socialmente informado é o “princípio gerador e unificador de todas as práticas”, e a consciência é a forma de cálculo estratégico fundido com um sistema de potencialidades objetivas. (CSORDAS, 2008, p. 105)

Para Merleau-Ponty, no que tange à percepção, não podemos separar sujeito e objeto, já que tanto os sujeitos como os objetos se constituem mutuamente, de tal forma que na mesma medida em que agimos em direção ao mundo e aos objetos, também somos constituídos por eles. É neste sentido que percebemos a importância do papel do corpo: “O corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.122).

Nessa superação da dualidade sujeito-objeto, o autor conclui que a pessoa não percebe o próprio corpo, ela é seu corpo, e esse corpo será o sujeito da percepção. Ao mesmo tempo, os objetos são o resultado final da percepção, sua corporificação. O momento anterior a esse processo é o que Merleau-Ponty chama de *pré-objetivo*. No entanto, é importante ressaltar que na leitura de Csordas *pré-objetivo* não significa pré-cultural, já que não é possível que exista um corpo que não seja um corpo no mundo, logo, um corpo informado pelos sentidos e práticas culturais.

É nesse momento que o autor retoma o conceito de *habitus* de Bourdieu, que traz idéia de um *corpo socialmente informado*, um corpo que reproduz respostas inculcadas e automatizadas frente às problemáticas que os sujeitos enfrentam. Segundo Bourdieu, “O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz características intrínsecas e relacionais de uma posição e um estilo de vida unívoco,

isto é, um conjunto unívoco de escolhas pessoais, de bens, de práticas.” (2008, p. 21-22).

Ao tomar como ponto de partida esses dois teóricos, Csordas busca compreender o que significa ser humano enquanto corpo no mundo, tendo em vista a idéia de um corpo não-dualista. Nesse sentido, ele irá considerar o corpo como locus da cultura, seu meio da experimentação do fazer-se humano e sede das diferentes formas de ser/estar no mundo. Em suma, ele conclui que o corpo não é apenas essencialmente biológico, mas igualmente religioso, linguístico, histórico, cognitivo, emocional, artístico (CSORDAS, 2008, p.19) e, Steil e Carvalho (2007; 2008), ainda acrescentariam, ecológico.

4.3 A sensação de “inteireza”

Conforme já foi explicitado, o paradigma da corporeidade constitui uma importante referência para o propósito de se compreender o campo de investigação da Mística Andina e, mais do que isso, foi um norteador de minha postura durante as vivências que tive com o grupo. Propus-me a viver com o grupo as diferentes práticas e sensações que surgiram nessa imersão na senda andina, como muitas vezes é chamada a Mística por seus integrantes, e aceitei o convite de experienciar um corpo maior do que aquele que posso ver, um corpo que se confunde com o ambiente, com a natureza, com a sociedade. Não tenho a pretensão de acreditar que este propósito foi plenamente alcançado em todos seus aspectos. A tentativa de implodir dicotomias foi um grande desafio na construção desse trabalho e é, também, o desafio a que esse grupo se propõe.

Viver em comunhão com *Pachamama*, sentindo-se uma totalidade com ela, não é algo que acontece espontaneamente. Desde minha perspectiva a respeito destes discípulos, me parece que essa é a idéia mais básica do movimento, porém, a mais desafiadora e que perpassa todas as práticas e ensinamentos. Mudar a concepção de um corpo dividido, dualista, não é um desafio somente para os teóricos, mas também é o desafio a que o próprio grupo se propõe. Os extratos

abaixo são interessantes para a compreensão desse sentimento de pertencimento a algo maior.

Essa espiritualidade tem a ver com o que nos une no grupo, que é esse sentimento de reconexão com *Pachamama*. *Pachamama* para nós é a existência, também Gaia e Planeta. Mas, é um ser ciente, autoconsciente, existência e que nos abriga. Não somos donos, nem os que devem controlar e explorar. (...) Então, essa espiritualidade é essa ligação profunda com *Pachamama*, diferente de ser ecólogo, ou ser biólogo, não tem essa vertente conceitual, de estudo, de aprofundar. Também não são só técnicas, não é um conhecimento técnico. É essa reconexão profunda que passa por se sentir parte e isso é de corpo inteiro. É algo que passa mais pelos nossos sentidos, pela nossa inteligência emocional, de poder sentir o lugar que te nutre e outro que te leva energia. Sentir fortemente isso.
Melusina Iriarte

No relato da Alethéia percebe-se que ela resgata essa conexão com *Pachamama* inclusive quando busca entender seus sentimentos mais pessoais.

E hoje os ciclos Dela [*Pachamama*], tudo que ela apresenta é sagrado. Por que tudo que está lá fora, eu sinto. Tem dias que eu estou nublada, tem dias que eu estou iluminada. Horas, nem é dias, são horas. Vários momentos no dia. Daqui a pouquinho, passou. É só conectar, ou eu canto, e eu já estou em outro. Então tudo que está lá fora, está aqui dentro. E se eu mudar uma energia minha, fora eu vou mudar (...).
Alethéia Iriarte

Na tentativa de explicar a sensação de “inteireza” com *Pachamama*, certa vez Arádia me contou sobre o período em que esteve internada na UTI do Instituto do Coração. Ela disse que mesmo estando no hospital recorria aos “mergulhos diários” da meditação para se conectar, se sentir em comunhão com a Mãe Terra e assim buscar a cura. Arádia ainda me explicou que, sendo *Pachamama* a existência, ela é tudo, então, mesmo nas horas ruins ela se sentia integrada a um todo, algo que era maior do que sua existência e era exatamente nessa unidade que ela buscava a volta ao equilíbrio perdido. No entanto, ela fez questão de ressaltar que esta não é uma via de mão única e que ao passo que ela busca cuidado no “colo da mamita *Pachamama*”, também temos a responsabilidade de cuidar Dela. Para tanto, a Arádia contou que os integrantes do movimento assumem a responsabilidade de serem jardineiros de *Pachamama*. Os extratos de entrevistas a seguir endossam essa responsabilidade.

E o objetivo da Mística é a gente semear. Lucidor nos diz que somos jardineiros de *Pachamama*. Cuidar de *Pachamama*, o Planeta Terra. Então, semear. Dentro desse semear, não importa a quem ou o que, ou quem vai florir, ou não. Semear. Muitas sementes podem dar, muitas podem não dar. Não importa. O que importa é passar adiante, tipo corrente do bem. Não é algo que tu pega e “ai, consegui isso, isso é maravilha e fico pra mim”. Não. Mística Andina é um trabalho que te faz bem e tu quer passar adiante e tu quer passar pra outras pessoas também.

Sarita Mendizabal

O que está dentro está fora. Se *Pachamama* adocece, é por que eu estou doente. Por que nós somos quem cuida, nós somos os jardineiros dela. Por que ela só pode fazer a evolução, por que nós acreditamos que *Pachamama* também está evoluindo, ela também está passando para o discipulado e quem vai fazer isso? Ela é um ser vivo. Somos nós que estamos abrigados nela. Então todo esse cuidado é uma consciência que parte de nós mesmos. Então, não adianta a gente ficar pensando “mas eu reciclo o lixo, e fulano não recicla”. Não interessa. Eu estou fazendo a minha parte. E com o meu exemplo e é por isso que a gente faz os *Skandalóns*¹⁷ de vez em quando na rua, que é para as pessoas perceberem e se acordarem que elas são responsáveis por todas essas transformações que andam acontecendo no planeta. (...) Então para mim o que é feito no micro, tem que ser feito no macro. E eu não sou diferente Dela [*Pachamama*].
Alethéia Iriarte

Na fala da Alethéia, percebe-se a associação, entre o mal-estar, ou mesmo uma enfermidade individual com as “enfermidades” sofridas pelo Planeta, como consequência do habitar abusivo do ser humano. Essa associação é frequente e deve ser compreendida tendo em vista que, estes sujeitos, na medida em que expandem sua noção de corpo para o meio ambiente, expandem também suas noções de bem-estar e saúde.

Pachamama é essa possibilidade sempre aberta de a gente sentir, sentir profundamente o filho que quer brincar, sentir profundamente o amigo que está passando mal, sentir profundamente uma doença, também, porque inclui, é o todo. A doença está ali, faz parte, é um chamado mais duro. Duro na nossa compreensão que é limitada. Mas o todo inclui e todas as catástrofes e as doenças têm significado maior, que nossa compreensão humana não abarca, mas que a gente consegue também entrar nessa consciência e a gente fica pacificado em relação a isso. De repente não tem a compreensão conceitual. A doença faz parte. De algum modo, todo desequilíbrio, todo movimento de *Pachamama* com as catástrofes naturais, tudo isso de algum modo está tentando voltar a um estado de harmonia. A gente não dá conta, mas se a gente consegue parar e sentir essa unidade, a morte também faz parte. Então *Pachamama* pra mim é a possibilidade de ter consciência dessa unidade, desse todo.

Melusina Iriarte

Logo, esses sujeitos encaram a doença física individual como uma forma de expressão de um sofrimento maior, um sofrimento planetário. Abaixo, Munay deixa muito evidente a idéia de um imbricamento entre o sofrimento humano e o sofrimento Planetário.

Quando chega no físico é por que a gente esteve desatento por muito tempo. Se chegamos aos desastres e às catástrofes e às mudanças climáticas em *Pachamama* é por que por muito tempo fomos muito

¹⁷ São chamados de *Skandalóns* diferentes iniciativas da ONG. O nome surgiu para incentivar que os participantes façam um escândalo, muito barulho, chamem a atenção e alertem o restante da sociedade sobre a urgência com os cuidados com a Mãe Terra.

desrespeitosos em um princípio básico que, na cosmovisão da Mística, se chama *ayni*, reciprocidade. Tanto na nossa relação do uso do nosso ser, que inclui o corpo físico, que inclui a nossa relação pra fora com todos os seres que são *Pachamama*, com essa existência. Quando essa relação não estabelece base nesse princípio, com plena consciência desse princípio, a partir daí se geram todas as desarmonias que podem chegar ao extremo mais denso que é a gente perceber no nosso cotidiano a falta de água em muitos lugares e também dentro do nosso corpo a ausência de saúde. Então entre as muitas ferramentas que a gente utiliza sempre vem coordenado com uma compreensão e a cura suprema se dá no consciente, na compreensão, na clareza. A partir da clareza você lida com isso. A mobilização de energia se dá a partir da tomada de consciência e isso nos traz a cura profunda. (...) *Ayni* é uma forma de se relacionar como mundo de forma harmônica, nas mais diversas relações, nos vínculos, nos vínculos amorosos. É dar carinho, e se há um princípio de retorno do carinho, há harmonia. (...) Quando isso não é respeitado, quando a soberania e a forma imperiosa como a humanidade tem interferido fora e dentro, não havendo respeito também a necessidade de descansar, a necessidade de amar mais, de compreender em profundidade tudo aquilo que traz uma insatisfação profunda. E se um não para um pouquinho para se conhecer, sentir, acaba não tendo nem consciência e, como uma bola de neve, vai sendo arrastado por essa avalanche. E vai recebendo um sinal, como uma enfermidade, ou como “bá, mas como que tremeu a terra aqui que nunca tremeu?”.

Munay Flores

Neste capítulo fiz uso do paradigma da corporeidade de Csordas (2008) para pensar essa espiritualidade composta por indivíduos que anseiam uma integração profunda com *Pachamama*, viver no seu ritmo, sentir-se pertencendo ao todo. Mesmo antes de uma análise mais detida, percebe-se que a Mística Andina inculca-se nos corpos dos discípulos através de vestimentas, formas de falar e mover-se, que se tornam mais tranquilas e calmas, bem como nas expressões mais calorosas de afeto. Essas mudanças são reflexos de uma transformação mais ampla no sentido da construção de formas diferenciadas de se colocar no mundo, que redundam em sujeitos engajados mais ativamente no ambiente, sujeitos que fazem a tentativa de encarar seus corpos como expandidos para a natureza. Assim, apostam num cuidado físico, mental e espiritual indissociado dos cuidados com *Pachamama*, sejam estes cuidados físicos, ou energéticos. Suas tentativas são as de romper com os limites da pele, concebendo um corpo humano que é uma extensão do “corpo do mundo” (CSORDAS, 2008). Assim, encaram uma natureza dotada de energias capazes de revigorar seus corpos, mas também são afetados pela própria busca de equilíbrio da Mãe Terra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das investigações etnográficas realizadas junto ao movimento espiritual Mística Andina, busquei realizar algumas reflexões sobre essa forma de espiritualidade que se situa na intersecção entre a religião e a ecologia, e que está em consonância com as mudanças nas formas de viver a religião no Ocidente. O objetivo deste trabalho foi o de pensar sobre a Mística Andina e o contexto no qual está inserida para compreender como seus integrantes acessam e vivem o sagrado, e também sobre suas formas de conceber e buscar o bem-estar físico e espiritual.

Assim, busquei demonstrar que a Mística Andina faz parte de um contexto no qual observamos um processo de “orientalização” do universo religioso ocidental (CAMPBELL, 1997). Isso significa que aspectos das religiões orientais, até então presentes no ocidente, porém reprimidos, passam a ter ampla aceitação. Desta forma, o ocidente passa a abandonar a ideia de um Deus transcendente, “fora do mundo” e aposta em um Deus imanente, “no coração”. A partir dos relatos de trabalhos de campo e extratos de entrevistas, foi possível observar que a Mística Andina é “filha do seu tempo”, pois incorpora esses aspectos referentes às transformações no ocidente.

Seus integrantes apostam numa espiritualidade que se abre para experiência do sagrado, constantemente corporificado em *Pachamama*. Logo, esses sujeitos não dependem da mediação institucional para acessar Deus, já que a experiência individual será a geradora de autenticidade e a mediadora na busca do sagrado. O papel do movimento é, portanto, o de oportunizar práticas e vivências.

Nesse sentido, é verdadeiro afirmar que os sujeitos aqui estudados buscam o sagrado e a “si mesmo” na natureza, transformando-a em espaço de espiritualidade investido de forças restauradoras (CARVALHO; STEIL, 2007; 2008). Isso torna a concepção de bem-estar físico e espiritual dos discípulos da Mística Andina muito específico: dependente da volta do estado de comunhão com *Pachamama*. Como consequência, os aspectos da vida urbana são vistos como terríveis e antinaturais e, a boa vida, por sua vez, é associada a uma conexão com os ritmos e o tempo de *Pachamama* e ao sentimento de pertencer a Sua totalidade.

Percebe-se na Mística Andina uma sacralização da natureza originada na articulação do “cultivo de si” ao ambiente. Trata-se de uma natureza que fornece energias e forças restauradoras do corpo, da alma e de virtudes éticas para a convivência social (CARVALHO; STEIL, 2007; 2008).

Para os integrantes da Mística Andina, a busca do bem-estar individual não pode ser dissociada do bem-estar Planetário. Assim, hábitos ecológicos passam a fazer parte da espiritualidade. Para tanto, a noção de “cultivo de si” foi usada para compreender essa realidade, buscando contemplar estes sujeitos que apostam nos cuidados do corpo e da alma tanto quanto cultivo do ambiente (CARVALHO; STEIL, 2007; 2008).

No que se refere aos cuidados com o corpo e com a alma, foi exposto que os integrantes do movimento incorporam amplamente os aprendizados adquiridos na Mística Andina: desde mudanças na sua dieta alimentar até no seu engajamento em projetos que visam tratar da saúde de *Pachamama*. Vimos que os integrantes passam a substituir os alimentos industrializados por aqueles orgânicos e integrais. Também foram expostos relatos que contam sobre uma forma diferenciada de encarar a enfermidade. Os praticantes buscam compreender a doença dentro de um contexto no qual o Planeta também luta pela sua saúde. Antes de recorrer à alopatia, frequentemente fazem uso de formas alternativas de tratamento, ou mesmo buscam o equilíbrio a partir das práticas que a Mística Andina ensina, como a meditação.

No que se refere ao cultivo do ambiente foram expostos trechos de entrevistas nos quais os praticantes falam sobre assumir o papel de jardineiro de *Pachamama*. Assim, adotam em seus lares formas de consumo mais consciente e também engajam-se em iniciativas da ONG *Pachamama*, que visam o bem-estar planetário. A importância do cultivo do ambiente pode ser entendida tendo em vista que esses sujeitos fazem a tentativa de viver um corpo que não se extingue nos limites da pele, mas sim, um corpo que está integrado ao todo. Partindo dessa premissa, não faria sentido assumir cuidados somente relativos ao corpo e à alma na busca pelo bem-estar e pela felicidade, sendo preciso, também, que o meio que nos engloba esteja saudável.

Com o intuito de tentar acessar essa idéia de bem-estar e de corpo que se expande para o ambiente, me amparei no paradigma da corporeidade de Csordas

(2008). A pertinência dessa escolha se justifica pelo fato de que Csordas busca colapsar a dualidade corpo e natureza, apresentando, assim, a ideia de um corpo não-dualista, o que significa que o autor irá considerar que o corpo humano é uma extensão do “corpo do mundo” (CSORDAS, 2008). A premissa mais básica, mais fundamental, que parece perpassar todos os ensinamentos da Mística Andina é exatamente a tentativa de viver a comunhão com *Pachamama*, ou seja, sentir que, ao mesmo tempo em que somos constituídos pelo todo, nós também o constituímos.

Para demonstrar a presença dessa tentativa no grupo, foram trazidos relatos que explicitam essa sensação de pertencimento a algo maior, a sensação de reconexão com o Planeta. Nos trechos nos quais os praticantes falam sobre a forma que entendem a enfermidades do corpo, fica evidente que eles partem de uma ideia de imbricamento entre o seu bem-estar e o do Planeta. Assim, passam a contextualizar enfermidades individuais nesse plano de fundo que engloba todos os seres e a Mãe Terra, que também está em busca da sua saúde.

Nessa convivência com o grupo, pude perceber as diversas formas de inculcação dos preceitos da Mística Andina nos corpos dos seus praticantes. Com o passar do tempo, o vestuário se modifica, as demonstrações de afeto aumentam, a dieta torna-se mais saudável. Sobretudo, o grupo, em minha opinião, se caracteriza por uma leveza nos movimentos, pela calma, mas também, pela alegria dos sorrisos largos, dos abraços longos.

Levando em consideração a minha escolha pelo paradigma da corporeidade, busquei viver com o grupo as diferentes práticas e experiências e permiti que a Mística também incorporasse em mim. Além das sensações inéditas que vieram na maior parte das vezes pelas meditações, também me tornei um pouco mais jardineira de *Pachamama*, promovi mudanças na minha dieta alimentar e, de forma geral, aprendi a desfrutar mais da vida a partir dos ensinamentos, das conversas, do carinho que recebi desse grupo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Leila. Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas. Tradução de Mariza Corrêa. 9. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

CAMPBELL, C. A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 5-22, 1997.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Natureza e cultura na psicanálise e no ideário ecológico: duas perspectivas sobre o mal estar na cultura. *Naveg@mérica (Murcia)*. 2010, v. 5. p. 1-11.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização do sagrado': aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente e Sociedade*. 2008, vol. 11, n. 2, pp. 289-305.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008.

MAGNANI, José Guilherme. *Mystica Urbe: um estudo antropológico do circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel Editora. 1999

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O visível e o invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva. 2000.

SOARES, Luiz Eduardo. *O rigor da indisciplina*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

STEIL, Carlos Alberto; MARQUES, Bruno Ribeiro. O caminho das missões: reflexões da peregrinação contemporânea. In: XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina. Buenos Aires: UNSAM. 2007, p. 195.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel C. Moura. O “cultivo de si” nas paisagens da ecologia e do sagrado. Projeto de pesquisa CNPq. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. *Religião e Sociedade*. 1999, vol. 19, n. 2, p. 61-79.

———. Os demônios geracionais. A herança dos antepassados na determinação das escolhas e das trajetórias pessoais. In: DUARTE, L. F. D. H.; BARROS, Maria Luiza; LINS, Myriam; 2006.

———. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José, Porto Alegre (RS). *Religião & Sociedade*. 2004, v. 24, n. 1, p.11-36.